

ASSIGNATURAS  
 ANNO ... .. 20\$000  
 SEMESTRE .. ... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Esta chronica poderia figurar, com mais propriedade, na secção das *paginaes esquecidas*, que devem ser continuamente lembradas, como licções persuasivas gravadas, em retalhos do passado, licções sempre maisinadas, porque têm o sabor de um medicamento acre, ou, ás vezes, o ardor de cauterio rubro.

Acceitar com bôa vontade o remedio, importa em confessar a molestia: é da natureza humana occultar as suas fraquezas, quando mesmo disso resultem perigos, males irremediaveis.

Si uma vóz amiga ousa avisar ao governo de que se está repetindo a historia de recentes catastrophes e que é urgente empregar os meios de evital-as, elle retorquirá, muito seguro da sua sanidade, da sua força, que está apercebido para o que dér e vier, que não teme carêtas, que sabe o que faz.

E a dolorosa verdade é que os homens de governo sabem tudo menos o que fazem.

Em 1889, o presidente do conselho repousava á sombra dos louros colhidos na retumbante victoria da eleição de 31 de agosto; o gabinete de 7 de junho se reputava assente sobre bases de pedra e cal; tinha a confiança inconsciente do Imperador, o apoio incondicional e falaz da Nação, para asphyxiar os excessos demagogicos dos republicanos e dos despeitados pela redempção dos captivos. E, talvez para pôr á prova o seu immenso prestigio, entrou no regimen das pequenas violencias inuteis, calcando a possante mão do poder sobre os fracos, a assanhar, de caso pensado, a hydra, que naquelle tempo era o exercito, para ter o prazer de lhe quebrar os dentes, a exhibir, enfim, a sua força em fanfarronices ridiculas.

Diziam-lhe, em vão, amigos leaes, observando a situação pelo crystal de

um prisma limpido, isento das fumaças do orgulho, ou de excessivo amor proprio, que as pequenas violencias mesquinhas denotavam fraquezas latentes; o conselheiro Basson, de honrada memoria, chefe de policia da Côrte, era uma dessas Cassandras a perturbarem com vaticinios sinistros a tranquillidade impavida do governo; e, quando elle lhe transmittia, com fidelidade, o echo dos rumores subterraneos, os tremores iniciaes da convulsão imminente, era taxado de visionario, como Thiers quando informou a Luiz Felipe que estava sobre um vulcão. O rei cidadão suppunha estar dentro do abrigo forte, inviolavel do coração da França, como Pedro II presumia possuir o do Brazil.

Não é preciso reproduzir a historia das irritantes injustiças, que deliram, rapidamente, os laços de disciplina das classes armadas, porque a obediencia dos commandados é uma repercussão da justiça dos commandantes; nem recordar que essas pequenas causas, como grãos de areia despreziveis, introduzidos na engranagem do Estado, provocaram o irremediavel desastre da machina.

A disciplina militar ficou esgarçada desde esse tempo. Numa congestão de prestigio pela victoria incruenta da Republica, os commandados passaram a commandar, a impôr a sua vontade despotica, a invadir todos os recantos da administração, annullando as incompatibilidades essenciaes, pondo á margem as incompetencias evidentes, porque era natural que ao exercito e á armada coubessem, em partilha de rigorosa mathematica, duas partes do poder, e uma ao povo.

Benjamin Constant improvisou os seus discipulos amados em estadistas; fez delles, ao prestigio do seu sopro creador, administradores de Estados, auxiliares da alta administração: faltavam-lhes experiencia, criterio seguro, noções especificas das varias, das delicadas funcções politicas; mas

A. Comte havia previsto tudo para a plena investidura do sacerdocio da humanidade e bastava aos rapazes umas tinturas de sociologia para reorganisarem o Paiz de cabo a rabo, assimilando, de repente, as tradições, os costumes ás idéas democraticas, arrasando, a golpes desordenados, o velho edificio da monarchia até aos alicerces oscillantes.

A mocidade dirigente não se pôde esquivar ao seu natural pendor para o excessivo, para o despotismo das creanças, que é o peor dos jugos.

O mestre foi a primeira victima desse erro: dentro de pouco tempo, provocou tamanhas queixas nas fileiras, tão impopular se tornou que foi indispensavel removel-o do ministerio da guerra, inventando o Governo Provisorio uma pasta da instrucção publica, que teve ephemera existencia, fechando-se, para sempre, no tumulo do benemerito cidadão.

O predominio da mocidade militar se affirmou no governo do Marechal de Ferro. E é de justiça mencionar que ella pagou muito caro, com ondas de sangue generoso de meninos heróes, aquella confiança.

O primeiro presidente civil iniciou a sua administração numa atmosphaera de suspeita, gerada pela impotencia, pela perda de aspirações perdidas com a morte do Marechal. Dahi, a reacção natural, os repiquetes de indisciplina que não deviam ser imputados aos moços, mas á imprevidencia, ao lamentavel erro daquelles que os haviam arrastado ás escabrosidades da politica.

Vieram actos de repressão que tanto mais aggravavam os resentimentos latentes, quanto mais injustos e violentos eram. Ficaram brazas sob as cinzas mornas.

O remedio para essa situação de permanente ameaça, deveria ser um processo contrario áquelle que a determinou — uma sabia reorganisação do exercito, incutindo nos moços o

amor á sua profissão, plantando-lhes no coração legítimos estímulos, avigorados por uma confiança absoluta nos intuitos e na justiça da administração militar.

Mas esse trabalho de salutar reorganisação encontrou formidável obstáculo no nepotismo corruptor de raízes solidas no regimen monarchico, exacerbado a proporções corruptoras na administração republicana. A lépra do *engrossamento* contaminou o exercito, favorecendo um permanente regimen de exclusão do merecimento, que sómente medra nas secretarias, nas paternaes commissões de sinecuras rendosas. Pagear um ministro vale mais que prestar relevantes serviços de intelligencia e coragem. E nessa provincia, como em todas as outras do governo, a incompetencia das mediocridades astutas saturou o ambiente de emanações de lisonja; um doce, um suave veneno a perturbar a visão dos chefes de melhores intenções, não falando nos defumadores da intriga, da calúnia, da perfidia das camaradagens pervertidas, de incomparavel poder intoxicante.

Os acontecimentos de 14 de novembro significam uma recrudescencia esporadica do velho erro, cujas raízes se não extirparão com o processo cauduco de desmoralisar, de reduzir o exercito a doses homœopathicas para lhe assegurar a impotencia, de averbal-o de suspeito, de concentrar a confiança do governo na policia, como fez o gabinete 7 de junho, ou na marinha, aggravando uma rivalidade deletéria, que explodiu na revolta de 6 de setembro e perdurou até aos nossos agitados dias, quando o esforço do governo deveria tender para o escôpo de remover as remotas causas do mal e cimentar uma solidariedade patriótica, inquebrantavel entre os depositarios das armas nacionaes.

Deve-se considerar que a impunidad é, talvez, menos dissolvente, que os castigos demasiadamente severos, ou os castigos injustos, como esse que recaiu com violencia esmagadora sobre os soldados, os alumnos, que deveriam ser capitulados unidades imponderaveis na responsabilidade dos chefes.

Aos violentos excessos das victorias

— dil-o a historia, ainda fresca — succedem contemplanções de excessiva ternura, e os graves motivos de preservação da ordem, a preocupação de suffocarmos um militarismo turbulento para não entrarmos para a laia das republicas néo-hespanholas, serão amanhã absorvidos pela esponja sentimental dos indultos generosos, das amnistias fraternaes, como aquella que habilitou, para as altas funcções da politica, cidadãos revoltados durante seis mezes, destruindo vidas aos milhares, perturbando em grosso a paz na Republica e occasionando á Nação prejuizos materiaes, não avaliados ainda: o dinheiro saído dos cofres do thezouro montou além de 900.000:000\$000 de réis, somma de provocar vertigens quando se pensa que a guerra do Paraguay custou 600 mil contos.

Os rompantes de energia degeneram em ternas complacencias porque não resistem aos pannos mornos nem ás influencias do meio, do temperamento, da politica; as erecções de severidade descambam para o ridiculo, quando toda a gente sabe que não passam de vislumbres dinréticos, repiquêtes de força de um governo de coração molle, como os outros, muito mal feito de corpo no papel de mata mouro, arrotando crueldades que se derreterão em blandicias de clemencia.

Quantos dos juizes de hoje, revolvendo os reffolhos da consciencia, murmurarão: dessa agua já bebi; quantos estão hoje julgando graças á impunidade.

A tragedia de Canudos, por exemplo, — as hecatombes dos heróes vencidos, degolados á faca, o vilissimo assassinato das suas esposas, dos seus filhos atirados vivos ás fogueiras, — é uma pagina de opprobrio, um crime infamissimo, que a justiça da Republica, as justiças civil e militar não ousaram encarar.

Deante desse torpe episodio das revoltas republicanas, o crime dos alumnos é um idyllio.

\* \*

Dos factos velhos, da licção luminosa do passado, tire quem pôde e quem deve o ensinamento para o presente.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

Trez dias depois da sangrenta derrota paraguaya, dias que passaram em plena actividade para melhorar as nossas obras de defeza, já profundando os fossos e alteando os parapetos, já construindo paiões e descortinando mais além a nossa frente, tivemos a honra de receber a visita do nosso general em chefe.

Para nós, soldados do seu exercito, o marquez de Caxias não era um homem como os outros.

Tal prestigio o envolvia, que ninguém podia vel-o senão a través de uma aureola de gloria. Quem não acreditava na sua omnipotencia?

Quando passava no seu uniforme de marechal do exercito, erecto e elegante, apesar dos setenta annos, todos nos perfilavamos reverentes e cheios de fé. Não era sómente o respeito devido á sua mais alta posição jerarchica: havia mais a veneração religiosa, admiração sem limites. Poderia fazer dos seus soldados o que quizesse — desde um heróe até um martyr. Por isso, quando elle passou pela frente do Dezeseis em Itororó, com as faces incendidas e a espada curva desembainhada, foi preciso o commandante mandar — *Firme* — para que não o seguissemos todos.

A primeira vez que me fallou foi para dar-me um quináu. A segunda para dizer que eu estava desuniformisado. A ultima para chamar-me vadio.

A primeira foi em 1866, no acampamento de Tuyuty. Instruia, cheio de mim, uma escola de pelotão do Dezeseis, quando elle se approximou a cavallo. Metti em linha em acelerado; mandei abrir fileiras e apresentar armas. Parou, fitou-nos com interesse algum tempo: nós, firmes, immoveis, como os granadeiros de Frederico.

Seguiu e já distante, mandei: — *Bráço armas* — carregando na primeira syllaba.

Volton novamente, e fiz-lhe nova continencia.

— Mande: *Braçô armas*. E carregou muito na syllaba *çô*.

Obedeci; sorriu brandamente e foi-se.

Elle tinha razão. Eu me desviára das Instrucções, para imitar o commandante Tiburcio.

A segunda vez foi no Chaco, acima de Angustura. O batalhão entrára em fôrma e eu, rôto, enlameado, chegava de um reconhecimento na matta.

Passou pela frente do Dezeseis, em linha. Quando chegou á esquerda, onde eu, tezo e perfilado, occupava o

meu lugar, parou e disse: — *Sr. ajudante, falta-lhe a capa do bonet.*

Fiquei perturbado, porque eu devia ser o modelo do batalhão. Instinctivamente tirei o bonet: estava sem capa. O sangue subiu-me ás faces e balbuciei:

—E' que a perdi no reconhecimento que acabo de fazer; algum espinho...

— Bem, disse sorrindo — e seguiu.

A terceira foi depois da guerra. Elle era duque e ministro; eu, capitão de engenheiros. Pedi-lhe que me mandasse á Europa estudar. Julgava-me com direito a isso pela classificação que obtive no meu curso. Elle, ainda sorrindo, negou-me dizendo:

— Você quer divertir-se em Paris?..

Peisava, então, como penso ainda hoje, que ha grande vantagem para os nossos officiaes em aprender nos centros militares mais adeantados do velho mundo. Elle, porém, sabia que era possível ser o maior general de um hemispherio, sem sair da patria e julgava os outros por si.

No dia seguinte ao da sua visita, 8 de maio, saiu do acampamento pela estrada do Timbó, uma columna de quatro batalhões. Além do Dezeseis, iam o 7º, 14º e um argentino. Uma ala do Dezeseis ficou na encruzilhada para cobrir a rectaguarda. O grosso da força seguiu pela estrada, beira rio.

O major que ficou commandando a ala esquerda, mandou o Castello Branco estender a sua companhia na matta. As outras trez ficaram de protecção na estrada.

Avancei, em descoberto, com dez praças e o sargento Noya pela estrada do interior.

Não tínhamos percorrido, talvez, duzentos metros, quando fomos recebidos por uma descarga. Tínhamos em frente uma ponte de troncos entrelaçados e coberto de faxinas, lançada sobre uma lagôa escura, profunda, estreita e muito extensa. Além da ponte, o terreno subia, e no alto, fechando a estrada, havia uma trincheira donde os paraguayos nos fuzilavam.

Arinar bayonetas e atravessar a ponte a *marche-marche*, foi um instante. O sargento Noya ia na frente aos saltos, parecia querer chegar primeiro. Subimos a rampa e invadimos pelos flancos o terrapleno: o inimigo retirou-se em debandada.

Era uma trincheira abrigo com o fôso para o lado interior. Deixei o Noya, guarnecendo-a com algumas praças, e fui ao encontro do commandante, que chegava e mandou o Castello Branco occupal-a com a sua companhia. Ouvimos longe o tiroteio dos outros batalhões, quando nos surgiu pela frente uma grande força inimiga, que marchava para cortar-lhes a retirada. Travou-se uma lucta encarniçada e o inimigo recuou. Não contava de

certo ter pela frente o Dezeseis, tão seu conhecido. Já o sol descambava quando nos recolhiamos ao Anday

Em uma manhã fresca e humida, o Tiburcio saíu commigo e algumas praças para a esquerda do nosso entrincheiramento e caminhámos, em direcção normal ao rio, para o interior.

Logo, á pequena distancia do nosso largo fôso, depararam-se-nos rastos ainda frescos de homens descalços. Não eram muitos e entravam pela matta por trilha estreita. Seguimol-os ao longo de um *albardão* que separava duas lagôas. A da esquerda, grande e cheia de juncos, estendia-se para as bandas de Humaytá até perder-se na faixa azulada da matta distante. A da direita, menor e mais limpa, tinha as margens cobertas de aguapés e no meio era limpida e tranquillia; devia ser muito profunda. A matta do *albardão* era escura, fechada e emaranhada pelos muitos cipós e unhas de gato, entrelaçando-se nos troncos das arvores immensas. Os rastos terminavam á beira d'agua, e a trilha, por elles aberta, descia a ribanceira suave da lagôa da direita e prolongava-se até ás aguas limpas, atravéz dos nenupharés apartados para um e outro lado. O Tiburcio postou alli um piquete de trez praças e um cabo de confiança.

Alta noite, ao bater das varetas das nossas sentinellas, ouviu-se o echo, repercutindo pela matta, de um tiro daquelles lados.

Ao amauecer, achou-se um homem com a cabeça mergulhada na lagôa, os pés para o alto da ribanceira e o peito atravessado por uma bala. Era um sargento paraguayo, que levava numa bolsa de couro, a tiracollo, despachos em alfabeto de Morse, do commandante de Humaytá para o general Caballero.

O piquete continuou no mesmo lugar, mas ninguem passou depois por alli. Penetraram além pela floresta os reconhecimentos e nem uma pegáda humana descobriram.

Buscaram os estafetas inimigos caminho mais seguro. Talvez passassem pelo barranco do rio e ouvissem o resomnar dos nossos camaradas fatigados.

As batidas por aquellas florestas eram quasi diarias. Algumas vezes, o unico ruido que despertava o silencio daquellas solidões, era o do bico dos picapáus batendo nos galhos grossos das arvores. Outras, porém, eramos recebidos a tiros pelo inimigo, que nos espreitava emboscado.

O meu amigo Amarilio de Vasconcellos, 2º tenente de artilharia, lembrou-se de fazer-me uma visita e passar o dia commigo. O seu regimento estava em Parecué. Quando chegou, eu ia sair com o Castello Branco para uma das nossas habituaes explorações.

Convidei-o para fazer parte da excursão; aceitou de bom grado. Tinha, de certo, curiosidade de assistir áquella nossa diversão, desconhecida dos officiaes da sua arma.

Os paraguayos bombardeavam, seguidamente, desde algum tempo, o nosso acampamento e não podiam estar os seus canhões muito distantes do Anday.

A força, nesse dia, era de cerca de trinta homens.

Deixámos o reducto, desfilando por uma ponte, á direita, atravessámos as nossas avançadas, que se apoiavam em um redente, construido á beira do rio e penetrámos no terreno perigoso. Chegámos sem novidade até á encruzilhada do caminho marginal. Alli, fizemos alto, e o Castello Branco disse-me:

—Fica aqui com dez homens, vigiando a estrada; eu vou ver si ha alguma novidade na ponte.

Esteudi os meus soldados na matta e destaquei um dos mais vivos e ageis para uma arvore, adeante da bifurcação. Em poucos minutos, rompeu nutrido tiroteio com a força do Castello Branco. O combate empenhou-se bastante renhido.

Estavamos perto um do outro. Pedi ao Amarilio que me substituisse um instante e corri até á ponte, onde o meu heroico amigo resistia impedindo a passagem de uma força paraguaya superior á sua. O inimigo fazia investidas e recuava, quando crepitou, viva, a fuzilada na nossa rectaguarda.

A situação tornava-se séria. Voltei ao meu posto e achei o Amarilio luctando bravamente contra os paraguayos, que se tinham aproximado, agachados e silenciosos, pela espesura da matta, para atacarem a rectaguarda do Castello. Fôram, porém, descobertos pela vedêta da arvore e burlados em seus planos. Pouco tempo depois, retiraram todos e nós nos recolhemos ao acampamento. O Amarilio agradeceu-me, chasqueando, a singular hospedagem e eu desculpei-me por ser essa a nossa vida de todos os dias.

Tínhamos, além destas, outras muitas distrações, si bem que não tanto impressivas.

Os paraguayos cruzavam sobre nós o fogo dos seus canhões assestados em Humaytá e para os lados do Timbó. O reducto era pequeno e cheio de gente; os artilheiros inimigos tinham boa pontaria.

A nossa situação não era das mais commodas e, por isso, um dos nossos camaradas fez-se apaixonado pescador. Passava horas esquecidas á beira do rio, de caniço em punho, acócorado numa anfractuosidade do barranco, onde era difficil chegar um estilhaço. Ouvia impassível os nossos remóques mordazes e, quando era eu quem lhe



perguntava pelos dourados e pacús, que nunca pescava, respondia-me :

— Você, seu felizardo, está com a barraca *desenfada*.

Com effeito, era assim : estava armada entre dois paiões de pólvora.

Por causa desse camarada, o Castello Branco abandonou a pesca e recrudescceu na caça.

A sua companhia estava uma vez de linha e elle saíu a passarinhar. Distraindo, afastou-se muito para a frente e viu-se cercado por alguns paraguayos, que o observavam escondidos. Escapou com grande difficuldade.

Quando estavamos mais folgados, para matar o tempo, jogavamos o *Amigo*. Um dos nossos companheiros infalliveis era o Peritimo, 2º tenente de artilharia, decifrador incomparavel e notavel tambem pela precisão das suas pontarias. Si tocava a elle decifra :

— Vá para longe, seu Peritimo.

Elle se afastava.

— Póde vir.

— E' elle ou ella ?—perguntava.

— E' macho—dizia um.

— Como gosta do amigo ?

— Estrellado.

— Quando gosta delle ?

— Ao almoço.

— Para que serve ?

— Para uma fritada.

Elle puuha-se a parafusar e, depois de percorrer toda a roda, perguntava :

— E' fortim ?

— Não, não é.

E o Peritimo discutia, dizendo que havia fortins estrellados, dando como exemplo o do Tayi.

Não era raro serem os sons das nossas risadas abafados pelo estrondo de uma granada inimiga, que explodia perto.

Fazia parte da nossa roda, á noite, um medico, chegado havia pouco e não afeito ainda aos nossos habitos. Ao clarão de um phosphoro de cêra ruidoso, projectou-se a fio comprido no chão, pensando que era uma bomba. Depois, acostunou-se.

Assim passavamos a vida entre frequentes batidas na matta, — onde o inimigo nos espreitava — palestras alegres e francas, promptidões de duas em duas horas, linhas avançadas e rondas nocturnas.

Havia dous mezes que estavamos no segundo Chaco, quando amanheceu o 3 de julho, coberto de brumas, triste como o manto esbranquiçado que cobria a matta e o rio. A humidade era penetrante e as arvores gottejavam, como si as folhas chorassem. A natureza tinha a melancolia do inverno e o sol escondia-se atrás do nevoeiro. O homem sentia a influencia daquelle dia sombrio. Elle foi o que mais fundos traços cavou na minha memoria, naquella campanha, de mais de cinco annos. Guardo,

ainda vivazes, as suas impressões, como si as recebesse hoje. Jámais as esqueceria. Ao recordal-as, sinto estremecimentos e o brilho amortecido das armas ensanguentadas, os clarões rubros da fusilada, os gritos dos que avançavam e os gemidos dos que caíam, a vertigem deslumbradora da gloria, o roçar melancolico das azas da morte e, dominando todas as evocações tetricas, uma grande e profunda dôr. Nesse dia nefasto, partiu, cedo ainda, uma força de trez batalhões, sob o commando do Tiburcio, o 1º, o 14º e o 16º, pela estrada do Timbó.

Quando chegámos á encruzilhada, o Dezeseis fez alto. Os outros seguiram margeando o rio. Iam reconhecer a posição donde o inimigo fôra desalojado a 8 de maio. O Tiburcio, antes de continuar com o grosso da columna, chamou-me e deu-me a seguinte ordem :

— Escolha vinte homens e um corneta, avance por esta estrada, passe a ponte e siga. Si encontrar o inimigo, bata-o ; si fôr muito numeroso, mande me dizer para mandar-lhe reforços.

E seguiu. Era terminante e categorica a ordem. Pedi licença ao major e, na frente do batalhão em linha, fallei aos soldados :

— Quem quizer acompanhar-me, dê um passo á frente.

As fileiras se moveram. Precisava sómente de vinte. Conhecia-os todos pelos nomes e até pelos appellidos. Fiz a minha escolha. Partimos silenciosos. Chegando perto da ponte, encostei os meus homens á matta e avancei só com dois, em descoberta.

A ponte e a trincheira estavam desgurnecidas. Fiz signal á força para avançar. Cercámos a ponte, subimos a rampa, passámos a trincheira e entrámos na estrada da matta sombria. O silencio mais absoluto dominava allí. Destaquei dois homens como exploradores pelo matto, nas orlas da estrada e sêgui á boa distancia com os outros. Iam agachados, vigilantes. Não perdiamos nm só dos seus movimentos. De repente, pararam e um voltou-se, fez-me signal, chamando-me com a mão. Segredei : *Allo !*... aos que iam commigo e aproximei-me cauteloso.

Os paraguayos estavam perto, formados na estrada e eram pouco mais numerosos do que nós. Os seus esculcas, provavelmente, deram parte da approximação dos nossos batalhões. Esperavam-nos, talvez. Mandei baixinho armar bayonetas; recomendei que avançassem resolutos e, ao avistarem o inimigo, déssem uma descarga, carregassem sobre elles. E assim fizeram. O inimigo recebeu-nos valorosamente, mas não pôde resistir á impetuosidade da brava *bahianada* : cedeu retirando e fazendo fogo. Nós

os perseguíamos, açodados e freneticos, disparando um ou outro tiro. Da estrada entrámos em um campo, que subia, suavemente, para o interior. Não me lembro bem da sua extensão. Sei sómente que era grande, que o transpuzemos em accelerado, perseguindo sempre o inimigo. No fim, havia um capão de matto. Por elle penetrou e nós no seu encaço. Quando saímos do outro lado, tínhamos pela frente uma forte palissada, alta, de troncos grossos e roliços. Parecia um curral de grande fazenda de criação. Pela porteira entraram os paraguayos. Fomos recebidos por uma descarga formidavel. Oito dos meus valentes camaradas caíram ensanguentadas. Mandei os outros deitarem-se ao pé da palissada, gritarem o mais que pudessem, o corneta retirar-se para o capão e tocar *fogo*, sem cessar. Despachei um homem correndo para dar parte ao commandante. Fiquei apenas com onze. Não posso dizer quanto durou aquella nossa situação, que se aggravava de instante a instante, porque o inimigo, muito numeroso e forte, já saía das trincheiras e vinha avançando pela costa do matto para envolver-nos.

Vi tudo claro. A retirada era impossivel; iamos em pouco tempo cair prisioneiros daquelles barbaros. Não me abandonou, felizmente, a calma. Exhortei aquelles meus herões para resistirem até á morte. Elles, alegres, exclamavam :

— Qual, seu ajudante, aqui ninguém se entrega.

A minha resolução estava tomada. O inimigo se acercava mais e mais. Ia eu ordenar a loucura de uma carga, quando ouvimos já perto a corneta do Dezeseis tocando — *avancar*. Era o meu bom amigo Castello Branco, que vinha em meu soccorro, a marchemarche com a sua grande divisão, a setima e oitava companhias. Ouvira os echos do tiroteio e conhecera que eu tinha pela frente forças muito superiores. Os tiros paraguayos eram mais retumbantes que os nossos. Pediu ao major e correu para proteger-me. Postou-se atrás do capão e mandou me dizer que fôsse retirando. O inimigo, com grande surpresa nossa, recolheu-se ao entrincheiramento, suppondo, talvez, que era muito grande a força que avançava.

Perdi mais um homem e estendi os dez, que me restavam, no campo, continuando a tirotear frôuxamente. Apresentou-se-me, naquelle momento, o cadete Serafim, de artilharia, que queria combater. Todo recruta é afoito e elle portou-se intrepidamente. Era a primeira vez que entrava em fogo.

O inimigo sustentava o tiroteio de longe, abrigado nas trincheiras e na matta proxima, quando appareceu o

major com o resto do Dezeseis e uma ala do 1.º de infantaria. Era um veterano valente e bom, mas de vãos muito rasteiros. Chegou até á minha reduzida linha de atiradores, e mandou avançar.

Observei-lhe que o inimigo estava com grande força e bem fortificado e que me parecia ser insufficiente a nossa gente para batel-o e desalojal-o da sua posição. Reiteron a ordem e logo mandei o corneta tocar, — *Atiradores... avançar... acelerado!*...

Já o Castello Branco reforçara a minha linha. Embarafustámos pela porta larga da palissada e fomos parar na outra escarpa do fôss. Os paraapeitos estavam guarnecidos de ponta a ponta. As balas choviam sobre nós como granizo e a esplanada se enchia dos corpos, arquejantes e sangrados, da nossa gente.

O inimigo, da matta, manobrava para envolver-nos. Nada se fez para evitar o flanqueamento. Em pouco tempo, sentimos a nossa rectaguarda vacillar. Eramos carregados pelos flancos á bayoneta, e do alto das trincheiras os nossos bravos adversarios arrojavam-se sobre nós. Começou a confusão. Os soldados desordenados se retiravam. Debalde, tentavamos sobrepujar a onda, que nos envolvia por todos os lados. O alferes Firmino, que pelejava perto de mim e que foi o meu antecessor no cargo de ajudante, abraçou-se commigo; o sangue lhe jorrava em borbotões do peito valeroso e em ancias pedia-me que não o deixasse ficar alli. O transe era terrível. Ordenei a dois soldados que o levassem. Agarraram-no pelas pernas e pelos braços e o conduziam com o inimigo no encalço.

Luctavamos em retirada. De vez em quando, fazíamos alto e debalde tentavamos manter-nos na posição. Eramos logo repellidos. Um dos soldados do Firmino caíu varado por uma bala e o outro ainda o arrastou; mas teve de deixal-o para defender-se de um paraguay, que o investia furioso.

A retirada já era plena debandada. Os officiaes paravam na frente dos soldados de espada aameaçadora e pediam e faziam esforços inauditos para contel-os. Era tudo em vão. O inimigo desferrava-se da derrota de 4 de maio no Anday. Os nossos mortos, os nossos feridos lá ficaram. O alferes Firmino, o valente camarada, cujo sangue tingiu de vermelho a minha roupa, as minhas mãos, as minhas armas, morreu cortado á espada. Foi mais feliz do que os que caíram prisioneiros. A estes estavam reservados os supplicios mais aviltantes e mais dolorosos, desde o chicote até á agonia pela fome ou pela faca.

A perseguição cessou ao ganharmos o capão. Chegava nesse momento

o Tiburcio, que voltava do reconhecimento das trincheiras á beira do rio. Quiz tentar novo assalto; mas antes pediu informações, a opinião do Castello Branco e a minha.

Fomos contrarios, já era tarde: o Anday estava longe e a força cançada e com o moral abatido. Era preferivel voltar depois. Conformou-se com o nosso parecer. Com a alma dolorida, deu a ordem de retirar.

O alferes Castro e Silva foi prezo pelo major do Dezeseis, porque estava furioso e attribuiu-lhe a responsabilidade do nosso grande revéz.

Quando chegámos, já o sol se tinha escondido, e o acampamento embuçava-se no manto escuro da noite, mais claro, todavia, que as sombras da tristeza e da dôr, que invadiam a minha alma amargurada.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

—  
A Arthur Azevedo

### PRIMEIRO ACTO SCENA III

OS MESMOS E ESTELLA

*Narciso váe ao encontro de Estella. Cumprimentos affectuosos.*

NARCISO

Já pedi desculpa á senhora d. Camilla, da minha visita em hora tão importuna, mas eu não me perdoaria deixar de vir apresentar os meus cumprimentos a v. ex. no dia de hoje.

ESTELLA

Muito obrigada, senhor commendador...

NARCISO

Sei que recebe á noite; infelizmente, porém, sou forçado a incorrer em falta grave, não por amor do meu interesse, sempre secundario, mas em defeza dos interesses dos que me confiam os seus capitaes. V. ex. é generosa e não me negará o perdão que humildemente solicito. (*Tomando o embrulhinho sobre o console:*) Mandei gravar o testemunho do meu respeito e os ardentes votos que faço pela felecidade de v. ex. (*Entrega.*)

ESTELLA

Obrigada, senhor commendador.

CAMILLA

Um instante, sim? Deixo-o em boa companhia. Sempre é mais agradável conversar com uma linda moça do que ouvir a serrazina impertinente de uma velha.

NARCISO

O' minha senhora...

CAMILLA

Um momento...

NARCISO

Eu tambem não me demoro.

CAMILLA

Sergio não tarda. Está respondendo a

uma consulta urgente do ministro da Viação sobre coisas da Avenida... E' a febre... (*Sorriem :*) Com licença.

*Entra á esquerda.*

## SCENA IV

NARCISO E ESTELLA

NARCISO, *depois de um silencio*

E' assim a vida. (*Relanceando um olhar pela sala:*) V. ex. enfeitada com flôres o que eu alumio com cirios funereos: o Tempo. Para v. ex. é o futuro que se aclara; para mim é o passado que escurece. V. ex. sóbe á tona da vida, cercada de luz; eu começo a afundar na treva. Quando me vejo ao espelho dou pelos cabellos brancos, penso que é já a cal destructiva com que se cobrem os esquifes.

ESTELLA, *sorrindo:*

O' commendador... Que idéa!

NARCISO

E' a verdade. O dia do meu anniversario é sempre triste para mim, não pela velhice que me traz, mas pelas saudades que revolve. Começo a viver de recordações — queimo a lenha que ajuntei para o inverno... E v. ex. olha o céu, sente o sol, ouve os passarinhos, com abadas de flôres e a canção nos labios...

ESTELLA

O commendador faz-se mais velho do que é...

NARCISO

Quarenta e oito annos...

ESTELLA

Pleno viço...

NARCISO

Pleno viço... E que direi eu da primavera? (*Silencio.*) E só... Ha um propheta em que ninguém attenta, posto que ande diariamente com o memento, mostrando a tristeza da nossa condição ephemera: é o sol. Qual é a somma do homem ao sol? um pouco de sombra. O celibatario tem apenas essa companhia funebre e rastejante, porque é do nada. V. ex. fala e ouve uma resposta viva, o meu interlocutor é o echo — o espectro da minha propria voz.

ESTELLA

Porque não se casa, commendador?

NARCISO

E' tarde.

ESTELLA

Tarde? Mas o senhor decididamente julga-se muito velho...

NARCISO

Não é por isso...

ESTELLA

Então porque é?

NARCISO

O amor, minha senhora, é uma realidade feita de idéal. Só se é verdadeiramente feliz no amor quando se consegue encontrar o o que se imaginou. Quantas vezes terá v. ex. exclamado, deante de uma linda payzagem, por exemplo: « Era assim justamente que eu a imaginava! » Quer isto dizer que v. ex., pensando na realidade; creára a illusão com todos os detalhes maravilhosos do seu gosto e todos os encantos subtis do seu sentimento e, encontrando a ficção na terra, rejubi-

lára... O amor nasce do sonho e vò a para o real a encarnar-se... Raramente encontra a materia propicia e fica sempre infeliz... com saudade do sonho.

ESTELLA

E o commendador não encontrou o seu idéal?

NARCISO

Encontrei-o, pois não.

ESTELLA

Laura, d'olhos azues... O senhor fala tanto em olhos azues...

NARCISO

E para que não suspeitem de mim quando contemplo os olhos negros.

ESTELLA

Dissimula...

NARCISO

Como quem ama... em segredo.

ESTELLA

E porque não realizou o seu sonho... Se achou o seu idéal...?

NARCISO

Infelizmente quando o achei... já outro o conduzia. (*Silencio* :) Mas eu estou importunando v. ex. com a historia do meu amor.

ESTELLA

Não, interessa-me.

NARCISO

Fala serio?

ESTELLA, *sorrindo* :

Tão serio...

NARCISO

Que ri...

ESTELLA

Sorrio... e o sorriso é sempre um aceno do prazer.

NARCISO

Ou um disfarce do bocejo.

ESTELLA

Quando ha somno.

NARCISO

Ou tedio.

ESTELLA

Não costume dormir á sesta nem tive ainda ensejo de conhecer esse mal, que os poetas dizem ser cinzento.

NARCISO

Não lhe sei a côr, conheço-lhe os efeitos.

ESTELLA

Mas com a sua fortuna, commendador... Eu, se fôsse rica como o senhor...

NARCISO

Que faria?

ESTELLA

Teria todos os prazeres escravizados á minha vontade.

NARCISO

E' justamente o que eu não quero — o prazer servil.

ESTELLA

E' abolicionista?

NARCISO

Sou. Entendo que o prazer deve vir alegre, como a ave que recolhe ao ninho e não como o prisioneiro que é arrastado ao carcere. O amor (*Outro tom* :) Mas v. ex. está naturalmente a pensar consigo: « Que futil...! »

ESTELLA

Futil? porque fala no amor? mas é futilidade adoravel... O assumpto agrada-me: é romantico.

NARCISO

E v. ex. é romantica?

ESTELLA

Um pouco, como toda a mulher.

NARCISO

Sonha...

ESTELLA

A's vezes... (*Silencio*.)

NARCISO

V. ex. é infeliz...

ESTELLA

Infeliz... eu! porque?

NARCISO

Porque sonha. Sonhar é viver no idéal e quem vive nesse paraíso ephemero, é sempre infeliz quando baixa á realidade.

ESTELLA

Nem sempre.

NARCISO

Sempre!

ESTELLA

Eu, por exemplo.

NARCISO

V. ex..., por exemplo.

ESTELLA

Considero-me perfeitamente feliz.

NARCISO, *depois de a filar* :

E... o Carlito?

ESTELLA

Que tem?

NARCISO

E' feliz com elle? (*Estella encar-o*). Perfeitamente feliz?

ESTELLA

Sou.

NARCISO

Não é.

ESTELLA

Porque affirma?

NARCISO

Desminta-me, se é capaz.

ESTELLA

Desmentil-o... Mas o senhor não está mentindo, está apenas fazendo uma conjectura falsa, talvez porque me vê triste em certos dias. Já lhe disse que sou romantica.

NARCISO

O motivo é outro... A causa da tristeza não vem de v. ex... vem delle...

ESTELLA

Porque diz isso...?

NARCISO

E' que...

ESTELLA

Fale...

NARCISO

Para fugir ao silencio da minha casa, não tendo responsabilidade de familia, costume sair á noite. Deixo-me ir ao acaso. A's vezes, dou com o meu tedio nos theatros, onde logo me enfaro; saio, erro e, antes de recolher-me, sento-me á mesa de um hotel para uma ceia rapida. Quantas vezes me tenho voltado surprehendido ouvindo vòzes conhecidas, vòzes de homens cujas esposas, talvez afflictas, os estejam esperando insomnes, imaginando desastres, sem suspeitarem a verdade. Que dizem taes vòzes? dizem,

com snave accento, nomes femininos, fazem promessas meigas, pedem, com humildade, beijos que se vendem, commentam, com escarneo, os amores honestos, negam o que juraram, protestam...

ESTELLA

Estou certa de que entre essas vòzes, nunca reconheceu a do meu marido...

NARCISO

A do seu marido?

ESTELLA

Sim.

NARCISO, *depois de um silencio* :

Afinal, eu vim aqui trazer felicitações a v. ex. e perdi-me na floresta seductora dos encantos.

ESTELLA

Onde, ás vezes, apparecem animaes ferozes, commendador. Mas continuemos.

NARCISO

O assumpto é desagradavel...

ESTELLA

E' interessantissimo. Eu sou uma creatura singular, de theorias, talvez, ridiculas, pela humildade dos principios. Amo meu marido e, para vel-o alegre, faria todos os sacrificios...

NARCISO

Menos o do ciúme.

ESTELLA

Só tenho ciúme do que vejo, do que está á altura do meu olhar. Não posso ter ciúme da devassidão porque não desço com os olhos até lá. (*Outro tom* :) Mas, diga-me: já o encontrou algumas vez em taes... reuniões? E' possivel. Elle tem 27 annos, é um rapaz...

NARCISO

E' um chefe de familia.

ESTELLA

Que tem isso?

NARCISO

V. ex. acha?

ESTELLA

Eu? Mas eu penso como deve pensar toda a mulher honesta e de bom senso: o marido fóra do lar é um homem entre os homens.

NARCISO

E' entre as mulheres...

ESTELLA

Sim... e entre as mulheres... De portas a dentro, é o esposo. O compromisso do marido não tolhe a liberdade ao homem. Commendador, o segredo astucioso da mulher foi-lhe communicado pela serpente no Paraíso, e consiste em manter a presa, dando-lhe elastério bastante para que ella se julgue em liberdade, attraíndo-a, facilitando-lhe de novo a fuga, cançando-a até que a fadiga a prostre...

NARCISO, *sorrindo* :

E a serpente devora-a...

ESTELLA

Vence a mulher...

NARCISO

E' habil!

ESTELLA

A virtude do homem chama-se dever, é fundamentalmente diversa da virtude da mulher, que é a honestidade. Em que consiste a bondade do esposo? em ser fiel á

mulher? não — mas em ser forte, providente, solícito, carinhoso, amante dos filhos, zelador da casa. A sua « honra », elle a entrega á mulher no dia do matrimonio, a ella compete guardal-a...

NARCISO

E fica o homem...?

ESTELLA

Sem os compromissos decorrentes dessa honra convencional. Quando se diz que um homem é um bom chefe de familia, subentende-se que elle provê a todas as exigencias domesticas e é amigo dos seus. Da mulher só se afirma que é virtuosa quando não se lhe conhece um amante. E' uma lei injusta, sem reciproca, mas é a lei. Que importa que um marido viva lá fóra, como rapaz, se elle, ao atravessar o portão, atira á rua, com a ponta do charuto, todos os pensamentos torpes que possa ter trazido da estroinice? A meu lado, é o esposo e do esposo eu só tenho a dizer bem.

NARCISO

Nem eu disse mal.

ESTELLA

Não disse; falou vagamente em vózes. Que elle folgue, que se fatigue... Aqui me ha de encontrar sempre de braços abertos para recebê-lo e, inclinando sobre o meu coração a sua cabeça aturdida, achará repouso e, talvez, o arrependimento, ouvindo o suave latejar do sangue que leva, rolando por todos os veios do meu corpo, como o ouro nos rios, o seu nome, o meu amor...

NARCISO

E' lindo, minha senhora.

ESTELLA

Pois é assim.

(Continúa)

(\*) É prohibida a reprodução.

## COLOSSAL LIQUIDAÇÃO

### MOTIVOS PARA MUDANÇA

Motivos.

Elza conhecia muitos motivos, os de Chopin, Wagner, Mozart, de Cimarosa, até mesmo uns virginaes motivos de Schiller; mas aquelles motivos, assim, tão genialmente nacionaes, com todas as letras desta lingua desmotivada, não conhecia nem nunca em tal lhe falára o proprio mestre, que era versado em questões de motivos e os arranjava com habilidade e arte.

Era a segunda vez que semelhante cartaz a deixava pensativa e rememoradora, rebuscando todos os seus conhecimentos musicaes, com cuidado, na tortura deliciosa de topar, entre a legião infindavel dos seus auctores predilectos, o auctor indigenamente original das *Motivos para mudança*, manufactura desconhecidissima nos Brazis. Em casa, folheava todos os seus volumosos albuns, postados em extensas theorias douradas de marroquim espelhante e vermelho, peça

por peça, relendo os auctores e os titulos, na perturbação de quem teme encontrar o que procura. Já pela casa se armava um protesto contra aquelle estudo mortificante de Elza, entre o piano e os motivos e, sobre qualquer assumpto, á mesa, logo ella atirava um motivo estafante que assombrava a todos.

Certa vez, ao jantar, falava o dr. Pineta, infallivel commensal ás quintas-feiras, sobre o « *habeas corpus* Lauro Sodré », discutindo as probabilidades da victoria pelos votos que ia annunciando e commentando na certeza de que a mudança de fóro era palpavel, inilludivel. E mal pela sala soou, com todas as suas vogaes cheias, retinentes, a sentença doutoral e, logo, Elza affirmou, convencida:

— Ah! motivos para mudança de fóro! — E foi uma estupefacção geral.

Elza, porém, não desanimava e proseguia com zeloso ardor para a descoberta daquelles motivos nacionaes. Lembrou-se do primo, poeta, orador e musicista, que sempre lhe indicava novas revistas de arte e novos successos de artistas. Fez-lhe uma carta, perfumosa e recatada, numa lettra muito feminina e caprichada, onde lhe invocava a auctoridade e os estudos, o parentesco e o decidido amor ás notas, e concluia:

«E' em virtude, meu primo, em bem da sublime arte que cultivamos, que eu ousou vir por meio desta, indagar-lhe de semelhantes motivos, que sei não pertencem a Carlos Gomes nem estão referidos na grande epopéa hymnial de Francisco Manoel, as duas bases do desenvolvimento da musica, entre nós. *Motivos para mudança* pareceram-me antes alguns trechos novos de musica descriptiva e nunca executada em nossos *sarás*. Depois, em tão obscuro e distante logar, fui ver esse cartaz, que não trepido em affiançar, desde agóra, que sejam taes motivos de algum moço principiante e pobre que pretende reformar os seus, implantando em nossos habitos espirituaes musica outra e nascida entre o esplendor da nossa natureza e os cantos dos passaros. Uma especie de imitação dos gorgeios das nossas aves e do ramalliar das nossas florestas gigantes. O primo, como mais sabedor e alumno distincto do Instituto, melhor informação me poderá dar sobre os *Motivos para mudança*, titulo suggestivamente portuguez e providencialmente inspirado, pois é mistér que nós nos libertemos do que nos impinge o estrangeiro.—Sou sua etc.»

Elza não socego mais, á espora da resposta do primo. De todas as vezes que o correio apparecia, era um palpar mais apressado no seu coração e um esfriamento de mãos e um tremer de pernas para depois cair numa las-

sidão doentia ao piano e levar horas esquecida, sem ouvir nada, sem executar coisa alguma. Já trez dias se tinham passado nesse amollecimento e na quarta manhã, chuvosa e enervante, a carta do primo chegou, e ella toda, num salto, refloresceu e aromou-se como a bonina ao toque do orvalho da tarde!

Era longa a carta e remontava ao periodo primitivo para vir caído, em seguida, de epocha em epocha, até aos *Motivos para mudança*:

«Revolvi toda a minha vasta bibliotheca, consultando os afamados mestres e só pude saber isto, que já sabia, e que é do nosso immortal Larousse, sobre todos os motivos existentes, excepto os *Motivos para mudança*:

«I— *Idée sur laquelle roule un morceau, phrase musicale qui reproduit avec des modifications et donne le caractère du morceau.*»

«II— *Courtiser une fille pour le bon motif.* (Montepin).»

«Quanto aos *Motivos para mudança*, minha santa prima, parece-me a mim, na minha humilde e fraca opinião, que não convém estar com esses motivos de preocupações contínuas, pois é de bôa regra em coisas de motivos ou assumpto musical, que os motivos aborigenes, (desculpe-me a singular classificação) incluídos mesmo os de Francisco Manuel e Carlos Gomes, não são motivos decentes nem recommendam o Paiz. Esses *Motivos para mudança* são de uma desoladora originalidade. Não creia que nós possamos fazer coisa além dos motivos revolucionarios ou eleitoraes. Seu, etc.»

Mas esta resposta, cognominada por Elza de prolixamente despatriotica e pedantescamente academica, não a satisfiz nem a elucidou em nada. Absolutamente não acreditava que a NAÇÃO não tivesse filhos dignos de compor motivos e que se pespegasse um tão grande cartaz sem que o auctor o merecesse e a descoberta necessitasse. E logo foi seu intuito adquirir os *Motivos para mudança*, e proteger aquelle desconhecido artista brasileiro.

E, num bello dia, Elza, de *portemonnaie* e alegrias, saltou lésta do bonde em frente á *Colossal liquidação* — *Motivos para mudança*, e reclamou, consolada e feliz, que lhe vendessem todos os *motivos*.

\* \*

Elza era nacionalista, tinha no sangue o fogo do patriotismo.

FRANCISCO SERRA.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1º trimestre d'OS ANNAES.



## OS ELEITOS DA HUMANIDADE

Les vivants sont de plus en plus gouvernés par les morts.  
AUGUSTE COMTE.— *Politique Positive.*

As memorias gloriosas  
Cantando espalharei por toda a parte  
Si a tanto me ajudar o ingenho e arte.  
CAMÕES.— *Lusiadas.*

XXVII

HIPPOCRATES

(A BIOLOGIA ANTIGA)

Do que nos templos de Esculapio ensina  
Toda a sabedoria dos Theocratas,  
Tiras formulas nitidas, exactas,  
As leis primordiaes da Medicina.

Nos *Aphorismos* immortaes relatas  
Que a natureza humana é que é divina,  
Pois á molestia só a Lei domina;  
E assim as causas vãs tu desbaratas.

Proclamando dos actos o concurso  
E a acção fatal do Mundo sobre o Homem,  
Da Biologia presentiste o curso.

Com teu saber a vida consagraste  
A curar dôres que o viver consomem,  
Pela Sciencia e Amor te eternisaste.

XXVIII

APOLLONIO

(A MATHEMATICA ANTIGA)

Sendo a medida da extensão fundada  
Pelo genio assombroso de Archimedes,  
As leis da forma cultivar te agrada,  
Achas theoremas, extensões não medes.

Construindo a theoria condensada  
Das tuas curvas conicas, excedes  
A sciencia em tua epoca espalhada,  
E o genio de Descartes tu precedes.

Pois formulando as leis dessas tres formas,  
A antiga mathematica transformas,  
Presentes a Moderna Geometria.

E, esboçando o systema subjectivo  
Do geometrico estudo, és redivivo  
Na Synthese Final que elle previa.

XXIX

HIPPARCO

(A ASTRONOMIA ANTIGA)

Com os circulos do diopre e do astrolabio  
O seu olhar os astros aprecia,  
E estabelece leis de Astronomia  
Seu genio de philosopho e de sabio.

O levante observando, dia a dia,  
De estrellas mil, seu movimento sabe-o,  
Quando descobre e brotam-lhe do labio  
As bellas leis da Trigonometria:

Continuando os trabalhos de Aristarco  
E de Eratósthenes, achou Hipparco  
As leis fundamentaes do céu profundo.

A astronomia antiga synthetisa;  
E o seu nome na Historia symbolisa  
Um dos grandes astronomicos do mundo.

XXX

PLINIO, O Velho

(A ERUDIÇÃO ANTIGA)

Deus est mortali juvare mortalem.  
PLINIUS — *Naturalis Historia*

Compilador das descripções antigas  
Do Céu, da Terra, de Animaes e Plantas,  
A grandeza e o poder do mundo cantas  
E a Natureza em synthese religas.

Em tua *Historia Natural* abrigas  
Todo o Universo com bellezas tantas  
Que outras obras analogas supplantas,  
Pouca embora a sciencia a que te ligas.

A erudição antiga tu resumes  
No encyclopedico saber concreto,  
Que registram teus multiplos volumes.

E nesses livros, que éras não consomem,  
Fica immortal o distico selecto:

«Deus é o homem que ajuda o proprio homem.»

Rio, 117 — 1904

(Poemas sociolaticos).

REIS CARVALHO.

(Oscar d'Alva)

## Á MINHA MUSA

Musa, toda a minha alma a tua alma retrata:  
Se rio, o riso entre-abre os teus labios em festa;  
Soffro, e sobre o pallor da tua face mésta  
Tristemente o collar do pranto se desata.

Sonho, e a mundos ideaes o enlevo te arrebatam...  
E o que a minha alma admira, ama, odeia e detesta,  
E illumina-me o olhar e sombreia-me a testa,  
O teu gesto traduz e a tua voz relata.

Quer te elevas no vôo audaz do pensamento  
E vás livre pairar das estrellas em meio,  
Quer te embale de leve um brando sentimento,

Quer estejas alegre, atormentada ou calma,  
É-me grato sentir que dentro do teu seio  
Vibra o meu coração e palpita a minha alma.

JULIA CORTINES.



## O ALMIRANTE (28)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPÍTULO XV

Attenta a esse despertar, frio, normal, como o de todos os dias, a marquezia procurou, em vão, ouvir alguma coisa que lhe confirmasse as suspeitas; e, á proporção que se accentuava com vigor crescente a luz do sol, ella enlanguescia, extenuada no desconsolo de ver se delirem, como coisas ephemerias, os receios, os indícios de perigo, o excitante da sua combatividade morbida, como se preferisse a essa calma serena, as convulsões de um conflicto medonho, a cidade em pânico, a população fugindo amedrontada pelo ribombo dos canhões, pelo pipocar das descargas, em combates sangrentos, nas ruas, juncadas de victimas. Lamentava os seus terrores desfeitos como cruciantes episodios de um pezadelo.

Quando a mucama lhe trouxe, com o café, os jornaes, ella os percorreu numa ancia curiosa. O primeiro que abriu, a *Gazeta de Noticias*, continha, apenas, a seguinte nota de ultima hora:

«No quartel-general, estavam reunidos, ás duas horas da madrugada de hoje, o sr. ajudante-general do exercito e diversos officiaes generaes.

«No quartel, achavam-se em fórma um batalhão de infantaria, e o regimento ou parte de cavallaria.»

Que se passára depois da conferencia dos ministros e da reunião dos generaes em torno de Floriano Peixoto, ajudante-general do exercito, considerado amigo dedicado do governo e um cabo de guerra de grande prestigio pela sua bravura, calma, inalteravel, nos mais perigosos transe?...

A marqueza desceu com a apparencia despreoccupada de um passeio matinal pelo jardim. Chegou até ao portão, donde o seu olhar prescrutador se estendeu pela perspectiva da grande rua tortuosa, marginada de arvoredo frondoso, a desbordar dos gradis das chacaras, ondulado ao embate macio da brisa fresca. Nas calçadas, caíam, piruetando, largas flôres dos algodoeiros bravos, viçosos, plantados ao longo dos *meio-fios* em renques, interrompidos pelos troncos desformes figueiras, cujas raizes possantes aluáam os lagedos, perturbando-lhes o nivelamento. E toda a gente ia e vinha, como frequentadores habituaes, lentamente, sem denunciarem o mais ligeiro indicio de uma população conturbada pela noticia de um conflicto no centro da cidade.

— Nada houve — pensava a marqueza, regressando do portão e seguindo por uma das alamedas para o

interior da chacara—Nada houve. Más noticias se propagam por encanto, por meio de conductos imperceptiveis, como se voassem nas azas do vento. Além disso, Oscar encontraria meios de mandar-me communicações promettidas.

Nessa excursão, caminhando, lentamente, ella foi ter ás proximidades do Paraizo, escondido em densa folhagem sylvestre, como um sitio maldito, onde ninguem penetrára, depois da morte do marquez. Lá dentro, no emmaranhado de cipós e espinheiros aggressivos, a fonte borbullhava, ainda em eterno pranto, a nota saudosa do acontecimento tragico, sempre vivo na memoria da viuva, que se afastou horrorizada, cambaleando, vacillante, esmagada ao pezo das recordações, da fadiga daquella noite de anciedade terrivel. Com o rosto decomposto numa pallidez de morta, foi marchando a êsmo, como um ébrio, tacteando com as mãos hirtas o espaço que os olhos desvairados não viam, apoiando-se aos asperos troncos das jaqueiras, até que, tocando o marmore frio de um dos pequenos tumulos dos filhos, com um grito doloroso tombou desfallecida.

Pouco depois, já sol alto, o Sebastião encontrou-a nessa lamentavel situação; chamou as creadas e a pobre senhora foi conduzida, desacordada, para os seus aposentos, onde repousou, serenamente, como si succumbisse a um somno invencivel.

Sebastião chamou um medico que passava, ao mesmo tempo que chegava em um tilburi, a desparada, o Castrinho, enviado de Oscar para tranquillisar a marqueza e amortecer o choque que lhe deveria causar a noticia dos successos daquella manhã.

— Que foi, doutor — perguntou o Castrinho, quando o medico saía do quarto da doente.

— Nada. O coração e o pulso estão um pouco agitados. Não quiz prolongar o exame para não a despertar: dorme como uma creança... Trata-se de excessiva fadiga, noites em claro... Em todo o caso, vou receitar um calmante para quando ella despertar. Deixem-na dormir até recobrar as forças consumidas... Muito silencio; evitem o menor ruido...

Castrinho transmittiu as ordens do medico ás mucamas e mandou um carro em busca de d. Eugenia, a amiga mais proxima e em condições de prestar á marqueza os cuidados que ella carecia, e ficou a passeiar muito agitada, aos saltinhos de passaro, muito aborrecido com aquelle incidente, que lhe impunha, como amigo da casa, o dever de ficar ao lado da illustre enferma, entregue á desvairada solicitude da creadagem attonita.

— Esta só a mim acontece! — murmurava elle, alisando sobre a testa

as pastinhas rarefeitas e lustrosas como azas de um passarinho negro. Foi mesmo um desastre encontrar o Oscar e encarregar-me desta escabrosa incumbencia que, afinal, me reduziu ao papel de enfermeiro.

Fitando impaciente o portão, numa inquietação de homem habituado a excessiva actividade, excitado pela inopinada impressão dos acontecimentos que, havia pouco, testemunhára, elle andava de um para outro lado, com as mãos nos bolsos das calças, sacudindo, freneticamente, um ruído molho de chaves, que tilintava incessantemente.

Um suspiro de allivio lhe ergueu o peito alvo e reluzente da camiza branca, quando chegou o carro com d. Eugenia e as filhas.

— Ah, minha senhora — bradou Castrinho, correndo-lhes ao encontro — Que desgraça!...

— A pobre amiga não pôde resistir á commoção da horrivel noticia — Não foi?... — inquiriu d. Eugenia, o rosto deformado por uma indizível expressão de terror.

— Não, minha querida senhora — tornou Castrinho — Ella nada sabe. Encontrei-a desmaiada quando vim da parte de Oscar comunicar-lhe as occurrencias. Está, agóra, dormindo tranquillamente. Diz o medico que ella succumbiu a excessiva fadiga. Deixem-na dormir: é a ordem.

— Podereis vel-a!...

— Com muito cuidado para não a despertar.

D. Eugenia e as filhas subiram aos aposentos da marqueza e, com mil precauções, viram-na, na penumbra do quarto, de cortinas cerradas, estendida, em desalinho, no magestoso leito, dormindo serenamente, o seio a arfar de manso, erguendo em suave movimento as candidas rendas da camisa.

Hortencia, sem pronunciar uma palavra, limpou as lagrimas: libertou-se do chapéo, das luvas, conversou em vóz baixa com as creadas e postou-se na ante-sala, disposta a velar pela sua estremecida amiga.

— Eu ficarei aqui — disse ella ás irmãs.

— Si precisares de nós — observou Amelia — estamos ás tuas ordens.

Volvendo ao andar terreo, d. Eugenia repetiu ao Castrinho:

— Que desgraça; esse levante das tropas!. Oh, meu marido tinha razão..

— Onde está o conselheiro?

— No seu posto, no paço, como fiel servidor da casa imperial. Não nos foi possivel detel-o; logo que soube dos acontecimentos partiu, deixando-nos numa afflicção terrivel.

— Venho do Campo de Sant'Anna, que está todo occupado pelo exercito e cheio de povo, acclamando enthusias-

ticamente os soldados: um delirio. Parece que aquella gente perdeu a cabeça. Em frente ao quartel general, estendera um parque de artilharia: batalhões de linha, fuzileiros navaes, corpos de policia da Côrte e de Nictheroy, piquetes de cavallaria sitiavam a praça, preparados para combate.

— Que horror! — exclamou d. Eugenia, varada de commoção.

E o Castrinho contou que todas as avenidas do Campo estavam interceptadas por forças consideraveis — uma do 1º de cavallaria, commandada por um cadete-sargento, na rua Marcilio Dias; uma de carabineiros-lanceiros e de alumnos artilheiros, em frente da Escola Normal, fuzileiros navaes, na rua Senador Euzebio, e, entre o quartel general e a estação da estrada de ferro d. Pedro II, o corpo de imperiaes marinheiros. Nas ruas, reinava delirante alegria. Pela do Ouvidor, passavam grupos de patriotas, dando vivas á Republica.

— Eu cheguei ao Campo — continuou o Castrinho — no momento em que regressava o barão do Ladario, que saíra a dar ordens aos fuzileiros navaes. Sendo intimado por um official a se render, tirou do bolço um revolver e fez fogo, sem attingir o official. Avançando, então, o general Deodoro foi recebido com outro tiro, quasi a queima roupa, que tambem errou o alvo. Da escolta do general, partiram alguns tiros de carabina, emquanto Deodoro gritava aos seus: Não matem esse homem. Mas o barão caíra ferido. Transportaram-no para o palacio Itamaraty na rua Larga. Que homem! Não se lhe ouvia um gemido... Pouco depois, encontrei o Oscar, que ia em procura do barão e pediu-me para vir tranquillisar a marquezia, que deveria estar anciosa pelas noticias que lhe promettera.

— E o ministerio?

— Esse estava reunido no quartel general, quando Deodoro, á frente das suas forças, montando um cavallo baio reiúno, tomado de um alferes, aproximou-se, impavido, do portão fechado, bateu nelle com os copos da espada e entrou, sendo aclamado pelas forças que estavam no interior, regressando ao Campo acompanhado por ellas em vehementes aclamações. Não sei bem o que se passou lá dentro: apenas ouvi dizer dizer que o ministerio sitiado, não dispondo de meios de resistencia, pedira, por telegramma, ao Imperador, a exoneração.

— Ah! está — observou d. Eugenia, em que deu a teimosia, o demasiado amor proprio desses homens. Si ouvissem as sabias admoestações do Antonino nada disso aconteceria.

— Não creia, minha senhora, que alguém neste mundo pudesse amparar esse golpe.

— Ha dias, disse-me o Antonino: estamos sobre um vulcão.

— Tinha razão, mas ninguem acreditaria que fizesse erupção de um momento para outro, repentinamente. Além disso, o governo contava com a policia, com os bombeiros, com a guarda nacional, com a marinha: tudo falhou. Foi uma traição em regra, por atacado, em toda a linha.

— Foi quasi providencial que a nossa querida marquezia adoecesse para não soffrer o tremendo choque da noticia dessa calamidade. E agora?

— Agora? Quando deixei o Campo, o general Deodoro, depois de conferenciar com Floriano Peixoto, se dirigiu ao salão onde estava o ministerio; expuzera-lhe as queixas do exercito e intimára-o a deixar o governo; e como o conselheiro visconde de Ouro Preto, declarasse, ênergicamente, não obedecer a essa intimação, fôram, elle e o conselheiro Candido de Oliveira, prezos, com opção para se retirarem desterrados para algum paiz europeu. Instantes depois, ribombava, no Campo, uma salva de artilharia, saudando a victoria dos rebeldes.

— Que será de nós?

— De mim, minha senhora, deste seu creado, que tinha uma fortuna engatilhada em magnificas operações de bolsa, centenas de contos que irão, agora, por agua abaixo.. É' uma fatalidade, uma terrivel fatalidade.

E, antes que d. Eugenia tentasse detel-o, o Castrinho, com mil desculpas e muitos votos de ternura pela enferma, partiu no tilburi que o esperava.

Amelia, ouvira impassivel, a narrativa, abstando-se da intervir, porque não gostava do Castrinho, dos seus modos affectados, cheios de denguiques efeminadas. Por isso, quando a mãe lhe pediu a opinião sobre os factos, ella respondeu friamente:

— Mãe, sabe quanto esse snjeito é exaggerado. Reduza á metade tudo o que elle disse e verá que não se trata de nenhuma revolução.

— Então achas pouco, filhinha — observou d. Eugenia, muito afflicta — os soldados deporem o ministerio, com tamanho aparato de força?

— E ficará nisto. O Imperador virá de Petropolis, apoiará o movimento militar, porque não deseja dissidencias com a força, chama outro ministerio e ficam todos muito satisfeitos. A tragedia acabará em comedia, com vivas, musicas, manifestações estroncosas, como sempre...

— Desta vez, parece que não, filha; o caso é muito serio. E teu pae, coitado, onde andarás a estas horas?

— Papae foi ao paço, onde não correrá perigo. É' muito conhecido; ninguem onsará desrespeital-o.

— Não devemos confiar: essa gente

amotinada é capaz dos mais horriveis excessos.

No andar superior, Hortencia, atenta ao mais ligeiro movimento, continuava a velar, carinhosa, o somno placido da marquezia, cuja pallidez desapparecia, lentamente, do rosto aquecido pelo calor do quarto fechado, pelas emanações de flôres, de perfumes, que lhe saturavam o ambiente. Quando o sol descambou para o poente, Hortencia abriu uma das venezianas para renovar o ar e foi surpreendida pela tenue vóz da marquezia.

— Oscar!... — murmurou ella, brandamente, entreabrindo os olhos fatigados. Depois sorveu de um góle o caldante, que Hortencia lhe offerencia; sorriu e, apertando-lhe a mão, recaiu no somno reparador.

O aspecto da rua se transformára. Em todas as janellas, em todas as portas, viam-se grupos de pessoas, com maneiras de curiosidade alarimada, conversando com estranha animação e voltando-se frequentemente, para o lado de Botafogo, donde vinham carros, atopetados de familias que fugiam talvez da cidade em busca de abrigo seguro. Os que vinham chegando eram assaltados com pedidos de noticias, pois contavam-se coisas horriveis, conflictos sangrentos, ampliados de bocca em bocca pela phantasia do medo, que é formidavel lente de augmento para olhos timidos.

(Continúa)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### A UMA SENHORA

*Rezando por umas contas*

Peço-vos que me digaes  
As orações que rezastes,  
Se são pelos que matastes  
Se por vós que assim mataes?  
Se são por vós, são perdidas;  
Que qual será a oração  
Que seja satisfação,  
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vêm  
A só vida vos pedir,  
Como vos ha Deus ouvir,  
Se vós não ouvis ninguem?  
Não podeis ser perdoada  
Com mãos a matar tão prontas;  
Que se n'uma trazeis contas,  
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando  
Os que matastes andaes;  
Se rezaes por quem mataes,  
Para que mataes, rezando?  
Que, se, na força de orar,  
Levantaes as mãos aos céos,  
Não as ergueis para Deus,  
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerraes,  
Toda enlevada na fé,  
Cerram-se os de quem os vê  
Para nunca verem mais.  
Pois, se assim forem tratados  
Os que vos vêm, quando oraes,  
Essas horas que rezaes  
São as Horas dos finados.

Pois logo, se sois servida  
Que tantos mortos não sejam,  
Não rezeis onde vos vejam,  
Ou vêde para dar vida.  
Ou se quereis escusar  
Estes males que causastes,  
Resuscitai quem matastes,  
Não tereis por quem rezar.

CAMÕES.

\*  
\*\*

## UM APOLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de linha :

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo ?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe ? Que a deixe, por que ? Porque lhe digo que está com um ar insuportavel ? Repito que sim, e falarei sempre que me dê na cabeça.

— Que cabeça, senhora ? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar ? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que ?

— E' bôa ! Porque côso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os côse, senão eu ?

— Você ? Esta agóra é melhor Você é que os côse ? Você ignora que quem os côse sou eu, e muito eu ?

— Você fura o panno, nada mais ; eu é que côso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados.

— Sim, mas que vale isso ? Eu é que furo o panno, vou adeante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando.

— Também os batedores vão adeante do Imperador.

— Você Imperador ?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adeante ; vê só mostrando o caminho, vê fazendo o trabalho obscuro e infimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto.

Estavam nisto, quando a costureira chegou á casa da baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás della. Chegou a costureira, pegou do panno, pegou da agulha, pegou da li-

nha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo panno adeante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ageis como os galgos de Diana — para dar isto uma côr poetica. E dizia a agulha :

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia ha pouco ? Não repara que esta distincta costureira só se importa commigo ; eu é que vou aqui entre os dedos della, unidinha a elles, furando abaixo e acima . . .

A linha não respondia nada ; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ella, silenciosa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E' era tudo silencio na saleta de costura ; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no panno. Caíndo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte ; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessario. E enquanto compunha o vestido da bella dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dalli, alisando, abotoando, acolchetando ; a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe :

— Ora agóra, diga-me quem é que vêe ao baile, no corpo da baroneza, fazendo parte do vestido e da elegancia ? Quem é' que vêe dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das muçamas ? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada ; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiencia, murmurou á pobre agulha :

— Anda, aprende, tola. Canças-te em abrir caminho para ella e ella é que vêe gozar da vida, enquanto ali ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguem. Onde me espetam, fico.

Contei esta historia a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça :

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinaria !

MACHADO DE ASSIS.

\*  
\*\*

## A MONARCHIA E OS REPUBLICANOS

—

A imprensa republicana, fiel ao infeliz plano, que adoptou, de converter a idéa santa da emancipação em pe-

trecho de guerra contra a monarchia, continúa a expôr a corôa ao odio dos escravocratas, inculcando systematicamente que foi por exclusiva influencia della, que se effectuou a reforma do elemento servil.

Não contestamos que o Imperador, sem sair da orbita constitucional, exercesse na reforma a benefica influencia que legitimamente lhe cabia ; mas, si assim foi, parece que os republicanos deveriam ser os ultimos a condemnal-o, visto como se punha ao serviço de uma idéa que também lhes pertencia — a emancipação — ; correndo talvez o risco de impopularisar-se no animo dos que se julgassem prejudicados pela reforma.

Quem poderá, jámais, acreditar que a reforma do elemento servil fôsse obra de um homem, por mais poderoso que elle fôsse ? ! Quem não vê que, com semelhante explicação, se eleva a corôa na mesma proporção em que se rebaixa o Paiz ! A imprensa republicana, em seu empenho de tornar a corôa odiosa, não se limitando a discutir a reforma e seus effectos, vêe mais longe: devassa o sanctuario da consciencia imperial e substituindo, de auctoridade propria, a virtude pela vaidade, explica sua legitima interferencia nesse assumpto pelo desejo de colher applausos na Europa.

Dar-se-á o acaso de que no regimen republicano seja acceito o systema inquisitorial de julgar as intenções em vez dos actos ? ! Todos os homens publicos deste paiz poderiam na reforma do elemento servil, ceder á influencia da idéa civilisadora, menos o Imperador ! ! Elle sómente podia decidir-se pela vaidade ; o seu coração está cerrado a todos os bons sentimentos ! ! Não comprehendem elles, em seu odio, que vão ao extremo de lançar o mais eminente cidadão do Paiz fóra da lei commum da humanidade.

Si houvesse logica e coherencia, dever-se-ia suppor que os republicanos escravocratas, occupando os pontos extremos de nossos partidos, jámais poderiam dar-se as mãos, approximar-se e fundir-se em uma só communhão politica, como está succedendo, com surpresa de todos os que pensam nas coisas publicas.

E' entre os escravocratas que os re-



publicanos recrutam proselytos: estamos vendo, com assombro, republicanos escravocratas e escravocratas republicanos.

Em tudo ha justos limites.

Não se deveria especular com uma idéa santa, amparada pelo Evangelho, e nem fazer della jogo partidario no maligno intuito de tornar odiosos aquelles que a serviram.

Os partidos, em seus manejos, devem, ao menos, respeitar a santidade de certas causas, abstendo-se, na lucta com os caracteres validos que souberam servil-as, de lançar mão, como armas de guerra, de sua propria virtude e abnegação.

Respeite-se o adversario, quando pratica o bem, e jámais se aproveite a sua bôa acção como arma de combate, para prejudical-o, procurando constituil-o victima obrigada da propria virtude.

Si por um eclipse da justiça, si por um retrocesso da civilisação, ou, antes, si por uma excepção ás leis providenciaes que regem o mundo moral, caísse a monarchia no Brazil por ter exercido em favor da reforma do elemento servil a influencia que legitimamente lhe cabia, ella seria, em sua queda, maior do que em qualquer epocha do seu reinado.

Poder-se-ia dizer que jámais em qualquer periodo da historia, caíra poder algum por tão nobre causa; e a republica que surgisse da escravidão, jámais poderia soffrer a luz do seculo.

Ao tempo em que a monarchia desaparecesse no Occidente, por entre os esplendores do céo, surgiria no Oriente a Republica, pallida e sem brilho, com a face velada pela nuvem negra da escravidão.

Jámais poderia alguém, ainda mesmo em seus mais arrojados sonhos de ambição e de gloria, imaginar um triumpho mais esplendido do que essa quéda, que os republicanos do Brazil preparam á monarchia.

F DE PAULA RODRIGUES ALVES.

*Opinião Conservadora*, de 7 de outubro de 1871.

## ARCHEOLOGIA

IMPORTANTE DESCOBERTA NO EGYPTO —  
OS THESOIROS REAES DA 18.<sup>a</sup> DYNASTIA  
— O SR. THEODORO M. DAVIS.

O Egypto mais uma vez surpreendeu-nos com uma descoberta archeologica de primeira importancia.

Theodoro M. Davis, que em 1904 descobriu os tumulos de Thothmés IV e da rainha Hatshepsu em Thebas, e que tem pacientemente proseguindo o seu trabalho de remover as barreiras de destroços no Valle dos Tumulos dos Reis, acaba de fazer ahi uma descoberta tal como ainda não coube á sorte de nenhum explorador no Egypto, desde que elle se abriu ás pesquisas dos europeus.

Encontrou um tumulo que jámais foi visitado ou saqueado desde a idade da 18.<sup>a</sup> dynastia, e ainda cheio dos thesoiros reaes de um tempo em que o Egypto era o «Senhor do Levante» e o fornecedor de ouro.

Em 12 de fevereiro, domingo, os seus trabalhadores encontraram os degraus que desciam a um tumulo, meio caminho entre os sepulchros de Ramsés IV e Ramsés XII. Ao pé dos degraus, estava uma porta aberta na rocha e tapada com grandes pedras. Tendo sido removida uma ou duas das pedras, entrou pela abertura um menino que logo voltou trazendo uma varinha magica pintada em uma das mãos, e na outra, uma canga de carro espessamente chapeada d'oiro. Alargada em seguida a abertura, o sr. Theodoro Davis desceu mais longe. Ahi encontrou um outro lanço de escada talhada na rocha, no fim da qual havia uma outra porta, tambem fechada com enormes pedras. Aqui, comtudo, a face exterior das pedras estava estucada com barro, no qual se distinguiam ainda as impressões de um sinete real com linhas de captivos agrilhoados; e num dos ultimos degraus de baixo, havia duas escudellas de grosseira louça encarnada e que provavelmente continham o estuque empregado nas pedras. Mais em cima, em um dos degraus, estava um soberbo escaravelho e num outro, uma palheta quebrada, de alabastro. Era evidente que os ladrões, pouco tempo depois de construido, entraram no tumulo e sendo surpreendidos na pilhagem fugiram ás pressas, deixando no vestibulo alguns dos objectos que furtavam. Depois deste dia, ninguém mais entrou nelle. O professor Maspero, que succedeu estar em Luxor por esse tempo, foi informado, com outros funcionarios de museus, da descoberta; e si bem que o dia seguinte começasse os dias santos do Bairam, o sr. Davis arranhou que os trabalhos finaes da abertura do tumulo terminassem nesse dia. Foi effectivamente aberto, na presença do duque de

Connaught e de seu sequito. O sr. Davis ficou deslumbrado. O tumulo não era grande, nem as paredes polidas ou decoradas, mas estava cheio, de um lado a outro, do mais rico espolio do antigo Egypto. As urnas das mumias encrustadas em oiro, grandes vasos de alabastro de exquisitas formas, cadeiras e caixas brilhantes com pinturas e dourados e um carro de recreio de seis rodas coberto ainda com os arcos de madeira, jaziam empilhados uns sobre os outros em confusa profusão.

A camara sepulchral é de 30 pés mais ou menos de comprimento, 15 pés de largura e 8 de altura. Ao lado esquerdo da entrada, estavam os dois grandes sarcophagos de madeira, pintados de pretos e de oiro, dentro dos quaes fôram collocadas as urnas dos occupantes do tumulo, um homem e uma mulher. As urnas, por sua vez, eram duplas, a exterior sendo inteiramente chapeada de oiro pelo lado de fóra, excepto onde apparecia a face da mumia, e por dentro debruada de prata.

A segunda urna era tambem chapeada d'oiro externamente e apenas differia da primeira em ser por dentro forrada de folhas de oiro em vez de prata. Sobre uma das mumias, alguns objectos fôram encontrados: um escaravelho arranjado em broche, imitando lapis-lazuli, um outro escaravelho de madeira pintado de preto, um «dado» doirado, um molde de enxada e outras coisas semelhantes. Em cima duma mascara doirada, que deve ter pertencido a uma das mumias, estava estendido um véo de cassa preta, ou, antes, crepe. Foi a primeira vez que no Egypto se encontraram em um tumulo taes coisas. As inscripções nas urnas, como nos outros objectos achados no tumulo, indicam a quem elles pertenceram.

Eram as sepulturas de Yua e Thua, paes da formosa rainha Teie, mulher de Amon-hotep III e mãe do «heretico-rei» Amon-hotep IV da 18.<sup>a</sup> dynastia. Parece ter sido devido ao seu ensino a revolução religiosa empreendida por seu filho; e, desde a descoberta das tabulas cuneiformes no Tel-el-Amarna, os assyriologistas começaram a crer que ella fôsse descendente da Mesopotamia, juizo agóra confirmado nas inscripções dos tumulos recentemente descobertos pelo sr. Davis.

Os nomes dos paes da rainha Teie estavam escriptos de diversos modos, o que indica que elles não eram pronunciados por todos de uma só maneira e por isso mesmo não tinham uma unica orthographia. Vê-se, portanto, que os egypcios da 18.<sup>a</sup> dynastia tinham a mesma difficuldade de pronunciar e escrever os nomes estrangeiros, que têm os seus patricios de hoje. Nenhum esclarecimento, comtudo, nos fizeram as inscripções acerca

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.



do parentesco quer de Yua ou de sua mulher. Thua é meramente «a cantora de Amon», e está claro que seu marido não era de descendência nobre e muito menos real. E' de crer que tivessem vivido em Thebas, com sua filha Teie, depois que ella foi elevada á posição de «principal mulher» de um dos maiores Pharaós egypcios, e que tivessem morrido dentro ainda do reinado de Amon-hotep III, em que o Egypto se conservava ainda no apogeu da riqueza e poder.

A rainha Teie incluiu seus paes na aristocracia egypcia por não ter podido, com toda a sua influencia, submeter o óiúme dos aristocratas do Egypto; mas vingou-se dando ao funeral de seus paes todas as honras reaes. Fóra dos esqnifes, no extremo oeste do tumulo, o chão estava coberto de grandes jarras selladas, cheias de vinho ou oleo e de caixas, ao que parece, feitas de cascas de páu, pintadas de preto, em cada uma das quaes havia um pedaço de carne cosida, enrolado em musselina preta. Sobre essas caixas, estava o carro sufficientemente largo para duas pessoas e ricamente pintado de oiro. Os arreios pertencentes a elle estão ainda tão frescos como quando fôram feitos.

Alli tambem fôram encontrados quatro jarros canopicos de alabastro, que continham as visceras dos mortos. Seria difficil comparal-os sob o ponto de vista do tamanho e da delicadeza da mão de obra. As cabeças que formavam as tampas, eram do melhor estylo da arte egypcia; e levantadas, notou-se que havia por debaixo dellas uma outra ordem de cabeças, a ultima das quaes era de gesso revestido de oiro. No extremo léste do tumulo, encontraram-se dois vasos de alabastro contendo exquisitas obras de mão, além de muitos outros pequenos objectos, dentre os quaes se destacavam sete pares de sandalias, a maior parte dellas de papyrus, um par, de coiro amarello estampado, e um outro par doirado.

No chão estava uma infinidade de caixas todas occupadas por «ushebtis» de consideravel tamanho. Muitos delles eram de páu, alguns de alabastro, dois de oiro e de prata. Foi encontrada ahí uma segunda varinha magica junto com outros vasos e caixas pittorescamente pintadas. Das caixas, a que mais interessa é uma arca, feita de taboas da palmeira e de papyrus, contendo roupas; por dentro, é forrada de papyrus e, atada com dois atilhos de barbante, ha para baixo uma outra divisão ou pratelleira com orelhas de papyrus. Tem dos lados umas pequenas aberturas por onde entra a ventilação. Alguns dos objectos trazem os nomes de Amon-hotep III e sua rainha, como, por exemplo, em um grande vaso de alabastro, resplendente de oiro e esmalte azul, na tampa do

qual se representa o rei sentado no hieroglypho de oiro.

Em outra parte do tumulo, estavam duas grandes cabelleiras. Havia tambem ao lado de léste do tumulo, uma pequena cadeira de braços, cujo espaldar era formado pela figura do deus Bes, tendo de cada lado um macaco; além desta, mais duas cadeiras fôram encontradas em outro lado do tumulo.

O assento da maior dellas era feito de fibra de palmeira entrelaçada, e as outras partes da cadeira profusamente adornadas com figuras em preto e ouro. No espaldar vê-se uma dupla representação da filha mais velha do rei Amon-sit sentada em um throno com um alado disco solar por cima e uma escrava trazendo-lhe a offerta de um collar de oiro, emquanto, por baixo de cada braço da cadeira, outras escravas erguem para a filha do rei os aneis de ouro que offerecem. Uma inscrição diz-nos que o oiro foi trazido das «terras do sul». As pernas das cadeiras são do feitio das pernas dos bois; as da frente téem em cima uma saliencia em fórma de cabeça humana. Outra cadeira, que foi encontrada, tambem pertenceu a Amon-sit, que era filha de Amon-hotep III; tinha no espaldar representada a princeza sentada num cadeira, tendo por baixo um gato, em cada lado uma mulher com um leque a abanal-a e sobre os braços da cadeira, entre dois macacos, o deus Bes.

O retrato da princeza e dos seus servos está traçado, de ambos os lados, á maneira grega,— interessante demonstração das relações existentes naquelle tempo entre o Egypto e o Egeu.

As duas cadeiras de Amon devem ser presentes da princeza aos occupantes do tumulo. Isto parece indicar que o tumulo de Yua e Thua foi o de algum membro da familia real e, portanto, se espera que, removidos do chão todos os objectos encontrados, appareça a sepultura ou quarto em que esteja o sarcophago contendo os restos dos primeiros occupantes.

Esta limpeza completa do tumulo tomará algum tempo. Entretanto, o facto notavel ficou revelado — o excesso ostentoso, para não dizer vulgar, da riqueza que caracterisava a sociedade egypcia, nos remotos dias da 18ª dynastia.

Sabe-se, pelas tabulas de Tel-el-Amarna, que o Egypto, naquelle tempo, era a California do mundo civilisado — um paiz onde, como reiteram os correspondentes estrangeiros do Pharaó, «o oiro era abundante como poeira», palavras que dão a impressão verdadeira da profusão do precioso metal, nos tumulos recentemente descobertos: nada havia, alli, de notavel ou insignificante, que não estivesse, litteralmente, encrustado

com o oiro das minas abandonadas.

O proprio Pharaó se representa sentado sobre o symbolo do oiro, e a deusa Isis é pintada ao pé do sarcophago de Thua, na mesma posição.

E' uma pathetica reliquia um capacho de fibra de palmeira, na qual a figura de Osiris estava cavada em ligeiro molde, onde havia semente; e, na relva verde, que brotára dellas, depois de fechado e sellado o tumulo, os egypcios viam uma imagem da resurreição. Igual leito de Osiris fôra encontrado no tumulo de Amon-hotep II.

Si bem que alguns dos objectos encontrados pelo sr. Davis, sejam eguaes aos de anteriores achados, a descoberta, no complexo, excede, em muito, ás que já fôram feitas no Egypto e é a mais importante de todas, considerando a arte, a riqueza dos sarcophagos, dos adornos funereos e a riqueza do metal precioso que os adorna. Basta citar o carro, unico no genero pela belleza e pela perfeição da fórma. Esta descoberta não sómente augmentará os nossos conhecimentos sobre a historia e costumes da 18ª dynastia do Egypto, como ampliará, materialmente, a nossa concepção do gosto artistico e habilidade manual dos antigos habitantes do Nilo.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos, barão do ) filho do visconde do mesmo titulo — o referendario da Lei mais intelligentemente liberal creada pelo segundo reinado. O passado regimen fez do sr. Paranhos, barão, talvez para no filho honrar ainda o pae, o que não obrigou o actual chanceller a deixar-se ficar, como outros fidalgos de igual fonte, fakirisado no sebastianismo e enlevado no seu baronato. Empenhou-se em bem servir a Republica, que é ainda a Patria, e deu-nos, com grande desapontamento dos seus ex-correligionarios, e em troca de uma baronia pallidamente decorativa e geographicamente vaga, trez vastos e bellos Imperios — o Amapá, pejado de ouro, as Missões cobertas de pinheirae e de herbaes de matte, e o Acre fabuloso, distillando *caoutchouc*... Fôram trez campanhas memoraveis, as duas primeiras victoriosas pela força viva da razão e da dialectica, e a ultima, triumphante após a rendição do inimigo ante a offensiva audaciosa, rapida, disciplinada, brilhante, de sessenta mil patrioticos contos de réis... A Republica, não podendo galardoar o senhor do Rio Branco com um desses trez Dominios, e fazel-o

duque das Missões, conde do Anapá ou marquez do Acre (o que accrescentaria mais uma raiz á sua arraigada fidalguia,) póde offerer-lhe, entretanto, o seu escudo d'armas, ornado das novas Conquistas: *Sobre um campo d'ouro, emoldurado por um ramo de matte, a arvore da seringa, tendo gravado no tronco um \$; divisa: DINHEIRO E O MEU DIREITO!*

\*  
\*\*

VERISSIMO (José) natural do Estado do Pará, paiz da seringa. A terra fecunda dos rios gigantes produziu um fecundissimo escriptor, illustrado critico e narrador interessante. Sua obra *Scenas da vida amasonica* põe-nos a par dos costumes do El-Dorado, e iniciamos nos segredos do preparo da fritada de tartaruga e do saboroso assahy... Cessando a producção litteraria artistica, o sr. Verissimo embrenhou-se na *selva selvaggia* da critica, realisando em parte o axioma balzaciano, de que o artista *manqué* torna-se critico impertinente. Eil-o critico temido, mas não impertinente, ao contrario, juntando a bonhomia de Sarcey á fina *raillerie* academica de Brunetière. Mestre escola carrançã, porém, a sua férula não perdôa as velleidades que se guindam á altura do seu raio visual. O bôlo estála sem piedade, e, como nas escolas sertanejas do norte, vêem-se latagões de barba no mento, e profusa bagagem litteraria, gemem, torcendo as mãos, sob a pesada braúna da Critica Nacional, reminiscencia dos fradescos tempos da catechese. O sr. Verissimo foi o fundador e director da *Revista Brasileira*, palacio de Alhambra das lettras nacionaes, attestado do genio da geração que formou a Academia de Lettras, com a qual vivem paralellamente, vibrando dos seus enthusiasmos e gemendo das suas doencas...

Nessa notavel revista collaboravam os melhores talentos actuaes, e seu summario obedecia ao artigo da Carta, que prohibe o anonymato: exarava nomes e corporações a que pertenciam os collaboradores, como a bella e nunca imitada *Revue des deux mondes*. Nella escreviam o sr. A., da Academia de Lettras, o sr. B., da Faculdade de Direito, o sr. C., do Instituto de Musica, e até mesmo os amanuenses eruditos da bibliotheca da rua do Passeio figuravam assim: — pelo sr. D., da Bibliotheca Nacional!

PEDRO INNOCENCIO.

### SCIENCIA E INDUSTRIA

O ACIDO FORMICO — SUA ACÇÃO TONICA-MUSCULAR E DIURÉTICA — COMMUNICAÇÃO Á ACADEMIA DE PARIZ, PELO PROFESSOR HUCHARD.

O professor Huchard fez á Academia de Medicina de Pariz, uma inter-

essante communicação sobre a acção tonica-muscular e diurética do acido formico e dos formiatos.

Ha dois seculos, o acido formico era empregado sob o nome *d'agua de magnanimidade*, por suas grandes virtudes therapeuticas, medicamento que figura ainda nas pharmacopéas suissa e allemã; mas as suas propriedades tonico-musculares sómente fôram precisamente estabelecidas em 1904, pelas investigações de Clément, confirmadas pelos trabalhos ulteriores de Huchard. Sua acção se exerce sobre todos os musculos da economia e póde ter varias e numerosas applicações therapeuticas nas neurasthenias, nos diabetes, nas convalescencias, nas anemias, na fraqueza senil, no enfraquecimento dos doentes submettidos ao regimen lacteo, etc. Poderá ser tambem empregado em exercicios de sport, marchas militares em todos os numerosos casos em que fôr mistér augmentar as resistencias á fadiga.

Essa propriedade do acido formico explicaria a actividade e a força das formigas, que possúem, em abundancia, esse verdadeiro gerador da força.

Além disso, essa substancia tem propriedades diuréticas que a tornam preciosa para o tratamento das affecções renaes e das cardiopathias arteriaes.

Resta informar que ella não é absolutamente toxica na dóse de trez grammas por dia, administrada no estado de formiato de sóda.

\*  
\*\*

A SUCESSÃO DOS AVARIADOS — A TRANSMISSÃO DA SYPHILIS POR HEREDITARIEDADE — AS CONSIDERAÇÕES DO PROFESSOR PINARD.

Na mesma sessão, o professor Pinard, desenvolveu, com muita auctoridade e perfeita clareza, interessantes considerações sobre a transmissão da syphilis por hereditariedade, e sobre os meios de impedir essa causa de degenerescencia da especie humana.

Confirmando o que fôra estabelecido pelo professor Fournier, o sr. Pinard declara que é preciso reagir contra o prejuizo, consistente em crer que um *avariado*, procreando um ou muitos filhos sãos, está completamente curado. Contra isso, citou o caso de um individuo, pae de seis filhos nascidos em excellentes condições de saúde, tendo um septimo com o cortejo de estygmas da syphilis hereditaria. As causas dessas singulares reincidencias de uma molestia, reputada completamente curada, são ignoradas; mas o que se sabe hoje — proclama o sr. Pinard — é o methodo para evitar semelhantes accidentes.

O meio consiste, para o antigo *avariado*, em se submeter, antes do casamento, durante seis mezes ao trata-

mento mercurial e empregal-o na mulhier durante a gravidez. O sr. Pinard affirmou que esse methodo, por elle vulgarmente empregado, nunca falhou, como effcaz tratamento prophylatico da próle.

### O imperialismo allemão na America do Sul

A IGNORANCIA FRANCEZA PREMIADA  
PELO INSTITUTO DE FRANÇA

Em 1902, appareceu em Pariz um livro deveras interessante, o *Imperialismo allemão*, assignado pelo sr. Mauricio Lair. O livro foi pouco ou quasi nada lido no Brazil. O primeiro jornal brasileiro, que é, sem duvida, o *Jornal do Commercio*, limitou-se a reproduzir uma curta noticia do hebdomadario *L'Européen*, que achava o livro bem escripto e curioso, sem de nenhum modo alludir ás referencias ao Brazil e á America do Sul, que o volume continha, referencias todas ellas mentirosas, marcadas por esse encyclopedismo farcista e paraziense de certos escriptores francezes, calumniadores ridiculos de paizes que não conhecem. Em nenhum outro jornal brasileiro, além do *Jornal do Commercio*, vimos alguma coisa a respeito do *Imperialismo* do sr. Lair.

As asserções aventurosas que elle fez a torto e a direito, não fôram desmentidas aqui, nem lá em Pariz, por ordem do sr. Piza.

Ha pouco, vimos numa vitrine da rua do Onvidor, o *Imperialismo allemão*, numa outra edição, mais catita e pretencioso, pelo letreiro: «*couronné par l'Institut*». O Instituto, destruidor incansavel de premios, havia premiado o sr. Lair, pelas tolices e semsaborias, com que havia enriquecido a litteratura humoristica do seu paiz, onde brilham sujeitos da nomeada de Alphonse Allais, Raul Ponchon, Franc-Nohain, *et pas mal d'autres!*

Damos hoje todo um capitulo do livro de que falamos.

São paginas typicas da falta de escrupulo e grosseira filaucia, com que certa gente em França, escreve sobre a nossa patria, sem o desmentido habil, pago ou não, feito pela legação brasileira, onde parece não haver quem leia o que se escreve sobre o Brazil em Pariz.

«A America do Sul é a patria dos tremores de terra e das revolnções. Nenhuma estabilidade, nem politica, nem commercial, difficuldades financeiras quasi insoluveis, a influencia cada dia florescente do colosso *yankee*, emfim a antipathia dos latinos contra

os intrusos germanicos : tudo parecia contrabalançar as vistas ambiciosas da Allemanha nesta região.

Ha bastante tempo que Humboldt a explorou, e que os economistas previram a importancia dessas regiões para o futuro da raça. List, com o seu olhar penetrante, predisse, que estas regiões tinham para os allemães mais vastas perspectivas que os Estados Unidos, onde os immigrants se amalgamam depressa á população anglo-soxonia. Ea «ubiquidade germanica» não fez desmentir o propheta. Hoje a encontramos nas republicas de Columbia e de Venezuela, onde deu um impulso vigoroso ao porto de Maracaibo, na praça de Bolivar, que se tornou o centro do trafico na bacia do Orenoco e no movimento dos caminhos de ferro; e seus interesses ali pareceram bastante consideraveis para justificar recentemente a ameaça duma intervenção armada. O Equador e o Perú recebem tambem a visita do homem loiro; mas elle não se multiplica absolutamente nestes logares de clima tropical e desolados pelas guerras civis. O numero e a influencia dos allemães augmentam com a latitnde. Já são os senhores absolutos do mercado, na Bolivia. Seu commercio representava, em 1898, um quinto da importação; em 1900, engloba 5/8 da mesma contra 2/8 da Inglaterra e 1/8 da França. Umavinte e tantas casas, fortemente organizadas, reinam como soberanas e exploram a dependencia em que a falta de communicações colloca o proletariado infeliz de mineiros e operarios. «Pouco a pouco, duma maneira lenta mas segura, a Allemanha faz, assim, a conquista da industria boliviana. Quando a terminar, possuirá a plenitude da influencia, uma completa supremacia material e moral, uma colonia adquirida, sem despezas e sem guerra.» *Moniteur officiel du commerce*, 7 junho 1900—*Handelsmuseum*, 13 de junho, 901.

A Bolivia não tem costas. Ao contrario, o Chile, a estreita nesga de terra estendida ao longo do Pacifico, presta-se admiravelmente ás empresas das grandes companhias de navegação. O commercio dos guanos encorajou companhias de Bremen e de Hamburgo. Seus navios trouxeram alguns immigrants, dos quaes um certo numero de austriacos; esses immigrants se installaram ao redor do lago de Lhaquihue, no qual navegam dois navios *made in Germany*; outros na Araucania, onde elles fundaram onze aldeias, tendo ao todo 5.000 almas. Valdivia possui uma escola allemã; os commerciantes e os industriaes allemães polullam em Valparaiso e Santiago. Montaram destillações importantes. O Banco do Chile e Allemanha, e a succursal da *Deutsche Overseische Bank*, estabelecidos

em Valparaiso, coordenam seus esforços e os apoiam nos tempos de crise. E os interesses em jogo valem a pena de que se occupem delles: 300 milhões de marcos empregados em casas de commercio e emporios industriaes. O exercito chileno, reorganizado por uma missão allemã sob as ordens do general de Koerner, aproveitou tão bem as suas licções que pôde o governo resistir ás pretenções da Republica Argentina. Nesta região, a França e a Inglaterra occuparam antigamente o melhor logar. Os immigrants das provincias bascas procuravam, de preferencia, as margens do Paraná, e os capitães inglezes julgavam ali encontrar um emprego seguro. A guerra de 1870, por um lado; doutro lado, o *krack* em que se abysmou a casa Baring, attingiram enormemente a influencia destes dois paizes. Depois, veio a avalanche de italianos, que submergiu os colonos de raça franceza. 100.000 italianos estão estabelecidos hoje nas regiões do Prata; os 30.000 francezes perdem o pé no meio dessa corrente; por maioria de razões, os 2.000 ou 3.000 allemães dispersos entre Santa Fé e Rosario: a batalha estava evidentemente perdida no terreno da immigração. E o bom allemão não teve a idéa de arriscar-se. Voltou-se para as grandes cidades e ali occupou em surdina as casas de exportação e commissão, o Banco e a Bolsa, e está em vespas de açambarcar o commercio de cereaes e de expedir para Antuerpia e para Hamburgo, o trigo de que as planicies da Argentina produzem, todos os annos milhões, de hectolitros. A influencia ingleza continúa, sem duvida, consideravel: em vinte linhas ds caminho de ferro, dezeseis pertencem a companhias inglezas, mas o commercio inglez decresce com rapidez, enquanto augmenta a importação allemã.

Importação na Republica Argentina (1)  
(milhões de pezos) (1 pezo=5 francos)

	Inglaterra	Allemanha
1890	57,8	12,3
1899	39	12,5
1900	38	16,1

Em 1900, nem mesmo os Estados Unidos importaram mais para alli que onze milhões de pezos; a Italia e a França vêem muito depois. Confiantes no prestigio que dá a victoria, habeis em elucidar as questões de cambio, dispostos a conceder aos compradores todos os prazos e todas as faciildades de pagamento, habeis, enfim, em seguir o gosto da clientela e a lhe offerecer o que ella reclama, nossos rivaes occuparam as posições que nós acabavamos de evacuar. O *Deutsche Overseische Bank* tem a sua séde central em Buenos-Ayres; sob os seus auspicios, os estabelecimentos industriaes multiplicaram-se, as usinas electricas que produzem a luz e a força

estão nas mãos dos capitalistas allemães e funcionam com material vindo da Allemanha. Da Allemanha tambem vêemos vinhos e cervejas, os productos chimicos, os tecidos, as confecções, o papel, os ferros, objectos de vidro.

De todas as partes, relatorios consulares annunciam a morte da influencia franceza. Os jovens argentinos vinham antigamente acabar os seus estudos em Pariz. Agóra, elles enchem as universidades d'além-Rheno e a lingua franceza, antigamente obrigatoria nas escolas primarias da argentina, não é mais que facultativa: foi substituida pelo italiano e pelo allemão. (*Moniteur Officiel du Commerce*, 28 de maio, 901, supp. 38). Isto não é nada ainda. Até aqui nós vimos nas quatro partes do mundo, ensaios de exploração. (2)

Vamos assistir, no Brazil, a uma tentativa de assimilação. Em vista da formidavel natalidade germanica, o professor Wolf, de Breslau, receioso e vendo já a Allemanha demasiadamente povoada, escreve: «a America do Sulé, sob mais de um ponto de vista, o paiz do futuro. Ha ali mais a ganhar que na Africa. Eu saudaria com alegria uma politica colonial estrangeira que olhasse com vistas mais attentas estas regiões»; o economista Schmoller accrescenta: «Devemos, custe o que custar, de-sejar que se constitúa no Sul do Brazil, um Estado de 20 a 30.000.000 de allemães; que este Estado continúe a ser parte integrante do Brazil, quer elle forme um Estado independente ou que continúe em relações estreitas com o Imperio.» E' bastante claro. Não se trata mais de influencia, mas de invasão. Desde muito tempo, pequenos grupos de exilados vieram se fixar nos Estados do sul, Rio Grande, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Minas Geraes. Neste ultimo Estado, a primeira tentativa de colonisação em 1818, acabou num desastre; os immigrants pereceram em massa. Esta perda não foi considerada um presagio funesto. São lembrados os esforços do barão de Hirsch para canalisar para a America meridional, o exodo dos seus correlligionarios polacos, expostos aos rigores do governo de S. Petersburgo: subditos russos, mas judeus allemães. Uma parte da grande sangria, que a Allemanha soffreu de 1880 a 1890, dirigiu-se tambem para este lado e actualmente ainda se esforçam para dirigir para estas bandas a corrente de immigração, ainda ha pouco bem diminuida, mas que já retoma vigor. O clima é mais favoravel que o das republicas equatoriaes, e o governo do Rio de Janeiro, quando muito capaz de viver, não possui sinão uma suzerania bastante vaga sobre as provincias federaes. Seis companhias de navegação estão em relação com a



America do Sul: *Hamburg Amerika, Norddeutscher Lloyd, Hamburg Sndamerikanische, Kosmos, Freitas, Hansa*. Uma associação germano-brazileira fundou-se em Berlim, onde publica uma revista mensal. Diversas companhias, em particular a *Hanseatische Kolonisations Gesellschaft* e a *Sudmarikanische Kolonisations Gesellschaft*, a *Deutsche Siedlungs Gesellschaft Hermann*, para favorecer a exportação humana compraram no Rio Grande e Sta. Catharina, vastos terrenos, dividindo-os em lotes (schueize) que cedem aos imigrantes á razão de 40 a 50 marcos o hectare. Outras vezes, elles os conservam e os exploram directamente por intermedio dos colonos allemães, demasiadamente pobres para fazer as despesas duma aquisição.

Estas poderosas companhias se esforçam simultaneamente para crear mercados para o commercio e a industria nacionaes e de estreitar laços entre o expatriado e a metropole. Tal é tambem o intuito confessado pela *Alldeutscher Verband* e pela *Allgemeiner Deutscher Schulverein*, que encontramos no Brazil, na mesma tarefa que emprehenderam na Austria: manter a unidade moral do Deutschum.

As aproximações mais verosimeis dão para todo o territorio da Republica Brazileira, 250.000 a 300 mil allemães, dos quaes 200.000 agrupados nas provincias do sul. Eu falo de aproximações, porque os algarismos precisos faltam; as estatisticas do Brazil são irregulares e incompletas; as auctoridades, mais inquietas do que parecem, restringem, de boa vontade, o algarismo official dos subditos estrangeiros; emfim muitos que se fizeram naturalisar, não continuam, por isso, a ser menos vassallos politicos e economicos de Hamburgo e de Berlim. As mulheres contam-se, em grande numero, porque a fusão das raças parece aqui difficil e os casamentos mixtos se tornam raros. A nacionalidade não fica sinão mais accentuada, e relações multiplas com a mãe patria contribuem ainda a fortifica-la. Os armadores allemães e belgas, certos de encontrar no café de Santos frete para volta, organisaram serviços directos que tocam, na viagem pelo Havre, em Coronha e em Lisbôa. Pouco a pouco aniquilaram toda a concorrência, e os allemães reinam como soberanos no commercio das provincias do Rio Grande e S. Catharina. Não são mais que uma minoria em Minas-Geraes. Mas cada vez que se avança mais para o sul, o seu numero é maior. Apparecem ao longo da costa, em Joinville, fundada em 1849, em Neudorf, em Blumenau, em S. Bento, em Badenfurt, todas as localidades em que constituem de 30 a 90 % da população total. Além disso, penetram no interior entre a Serra Geral e o Rio Jacuhy;

lá se encontram Germania, Hamburgerberg, Santa-Cruz, que têm o seu mercado em Porto-Alegre, na lagôa dos Patos. Um grupo isolado fixou-se no sul desta lagôa, em Neu-Birkenfeld. Blumenau é a mais importante destas cidades. Em 1888, tinha 18.000 habitantes; o municipio conta hoje 40.000 e o consul allemão escreve, candidamente: «Neste numero de... 40.000 almas, cerca de 30.000 são brazileiros allemães, 8.000 são austriacos; o resto se compõe de brazileiros portuguezes» (*Deutsches Handels, Archiv, março 1901. Questions Diplomatiques et coloniales*, art. do sr. Hauser. 15 dez. 1899.) Não ha nada extraordinario neste facto, inverosimel á primeira vista: é que os funcionarios brazileiros são obrigados a recorrer a interpretes em toda a região. Na maior parte, os colonos allemães se entregaram á agricultura. Importaram consigo o repolho, a materia prima do indispensavel *choucroute*, a batata; plantaram vinhedos. Dão-se á criação do gado e á fabricaçào da manteiga, que enviam á sua patria de origem, assim como a mandiôca, as favas, assucar, o rhum e o fumo. Hamburgo recebeu 8 milhões de cigarros em 98, sem falar do fumo em folhas. As fazendas conservam um character germanico accentuado; nellas vêem-se pendurados retratos de Guilherme I e de Bismarck, e os habitantes se reúnem ás vezes para celebrar em comum a festa do imperador.

As egrejas allemães, quasi todas lutheranas, são numerosas assim como as escolas.

Sem falar das escolas inferiores, ha uma *Realschule* em Porto Alegre, uma *Höhere Lehranstalt* em S. Leopoldo. O *Waisenhaus*, de Taquary, recolhe os orphãos de raça germanica. Os jornaes allemães são innumeraveis, (ne se comptent plus!) nem todos se servem verdadeiramente da lingua pura de Goethe e de Schiller; alguns usam um jargão misturado de portuguez, inglez e italiano. A industria mesmo se torna cada vez mais allemã. Não ha, diz um consul, «casa de commercio ou uzina que funcçione sem capital allemão, ou sem direcção ou mão de obra allemã.» Em Porto Alegre, grandes cervejarias se esforçam por lembrar, pela qualidade de seus productos, o gosto particular da Munchner ou da Pilsener... Como na China como na Turquia, o allemão pretende açambarcar as transacções financeiras e os meios de transporte. Os grandes bancos allemães «começaram» a America do Sul; e a *Disconto-Gesellschaft*, de Berlim, tomou a preeminencia do movimento. O Banco Allemão do Rio de Janeiro tomou uma tal ascendencia na praça, que o seu director foi encarregado da reorganisação do Banco da Republica do Brazil. Succursaes deste

banco existem em S. Paulo e em Santos.

O apoio prestado por estas empresas ao commercio allemão se torna tanto mais util, quanto o Brazil applica ás empresas estrangeiras, medidas vexatorias, prejudicando, mesmo, a impôrtação, exigindo formalidades complicadas e custosas. Mas, graças ao poder do dinheiro, a finança allemã pôde-se, a si, assegurar amizades, e a integridade dos agentes brazileiros deve passar por tentações perigosas... Os caminhos de ferro continuam a ser — está entendido — uma das grandes preoccupações das casas allemães. Ellas estão interessadas, com um capital de sessenta e dois milhões de marcos, na construcção do caminho de ferro brazileiro de Minas. A companhia hamburgueza de colonisação obteve a concessão da linha de São Francisco Bay (sic) a Desterro. Estas emprezas são de data recente; mas os primeiros resultados se annunciam encorajantes. Os allemães concorrem a todas as adjudicações de trabalhos publicos, conservando, a muita distancia, os inglezes e belgas. Sómente o americano, graças á sua organisação industrial, consegue lhes fazer concorrência e ficar com uma parte, vendo, irritado, o progresso dos allemães em terras brazileiras. (*Export, 4 de julho, 901*) Si por acaso os francezes apparecem, não é sinão a titulo de *prête-nom*. Uma sociedade parizense foi um dia a adjudicadora dos bondes de Buenos-Ayres: immediatamente recorreu, para o estabelecimento da linha e fornecimento do material, aos bons officios da *Allgemeine Electizitätsgesellschaft*.

Uma lei brazileira de 1880 concedeu a elegibilidade aos naturalisados e aos não catholicos. Em 1887, os allemães tinham 3 deputados na legislatura do Rio Grande. A revolução que derrubou d. Pedro veio enfraquecer a auctoridade do poder central e augmentar a autonomia dos pequenos Estados. Augmentou, assim, a influencia do elemento estrangeiro.

Si a invasão continúa por alguns annos ainda, a esperança de Schmitz será realisada: o Rio Grande e Santa Catharina não serão mais «colonias allemães», mas «colonias de allemães».

(1) *Deutsches Handels Archiv*, agosto 1901.

(2) O auctor refere-se aos outros capitulos do livro.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.